

CARTA DO  
**LIBANO**

JOSÉ RENATO  
NALINI ESCREVE:  
O LÍBANO E  
A JUSTIÇA  
BANDEIRANTE

EDIÇÃO ESPECIAL

# NOS TRIBUNAIS E NAS CORTES

ELES FAZEM DA JUSTIÇA  
SOBERANA E PARA TODOS

## Desembargadores

Afonso De Barros Faro Jr. .  
César Eduardo Temer Zalaf . Euvaldo Chaib Filho .  
Fernando Kfourri . Hamid Bdine . Maria De Lourdes  
Rachid Vaz De Almeida . Paulo Razuk . Roberto  
Maia Filho . Yussef Said Cahali, (In Memoriam) .

## Juízes de Direito

Antonio Manssur Filho . Cássio  
Mahuad . Luciane Jabur . Maria Domitila Prado  
Manssur . Michel Feres . Renata Rached . Ricardo  
Scaff . Thiago Massad .

## Procuradora

Mônica Cury



Telefone (12) 3663-3887

WhatsApp (12) 3663-3577

www.nacionalinn.com.br reservas1@castelonnacionalinn.com.br

Endereço: Rua Joaquim Pinto Seabra, 208, Vila Everest Campos do Jordão | 12460-003

Solicite sua reserva diretamente com o hotel e garanta tarifas especiais!



Telefone (12) 3662-4338

WhatsApp (12) 99712-8997

www.nacionalinn.com.br reservas1@castelonnacionalinn.com.br

Endereço: Rua Roberto Pistrak Nemirovsky, 148, Alto Boa Vista Campos do Jordão | 12460-000

# CARTA DO LIBANO

EDITORA CARTA LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL  
FOUAD NAIME  
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE  
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO  
MARIO MENDES  
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS  
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS  
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 500,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA  
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - C.J. 908  
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



## QUE SE FAÇA JUSTIÇA

O tema desta edição da Carta do Líbano não é convencional. A ideia surgiu durante um café com o doutor José Renato Nalini, jurista, magistrado, professor, escritor e político. Nalini ingressou na magistratura em 1976.

Sua trajetória foi marcada por uma ascensão significativa, culminando com sua eleição para a presidência do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (TJSP), no biênio 2014-2015.

Durante o mandato, Nalini percebeu a grande presença de magistrados de origem libanesa ou árabe. Ele se tornou amigo de muitos magistrados, com quem tem uma relação de admiração mútua. No mesmo dia, fui apresentado ao juiz Thiago Massad, presidente da Associação Paulista de Magistrados (Apamagis), que, por sua vez, é descendente de libaneses de Marjeyoun, no sul do Líbano.

Com o apoio de Massad, que facilitou os contatos com outros magistrados, consegui realizar uma série de entrevistas para a revista. Iniciei os contatos e finalizei o trabalho em dois meses.

Mas, afinal, o que é um juiz e o que é um desembargador?

O juiz atua na primeira instância, onde inicia o julgamento de processos, analisa provas e profere a primeira sentença.

Já o desembargador atua na segunda instância (tribunais). Ele julga recursos de processos que já foram decididos na primeira instância. Ele pode confirmar, modificar ou anular as decisões do juiz de primeira instância.

Esta edição final celebra a influência da comunidade libanesa, valorizando o papel fundamental de seus profissionais em nossa sociedade. O leitor é convidado a explorar a riqueza cultural e o conhecimento que eles oferecem.



FOUAD NAIME EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

# SUMÁRIO

ANO 30 • NÚMERO 208 • 08.2025



08



10



14



18



24



28



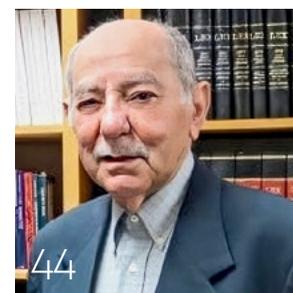
32



36



40



44



47



50



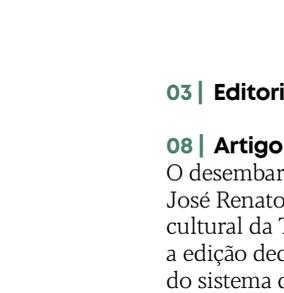
54



58



62



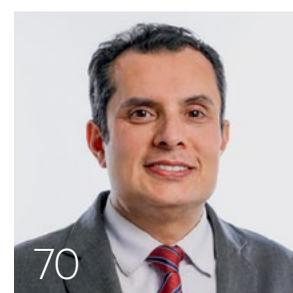
66



70



74



74

## 03 | Editorial

### 08 | Artigo

O desembargador e acadêmico, José Renato Nalini, destaca o legado cultural da Terra dos Cedros e saúda a edição dedicada aos “integrantes do sistema de Justiça que descendem de troncos libaneses”

### 10 | Thiago Elias Massad

Juiz de Direito e presidente da Associação Paulista de Magistrados

### DESEMBARGADORES

- 14 | Afonso de Barros Faro Jr.
- 18 | César Eduardo Temer Zalaf
- 24 | Euvaldo Chaib Filho
- 28 | Fernando Kfourri
- 32 | Hamid Bdine

- 36 | Maria de Lourdes
- Rachid Vaz de Almeida
- 40 | Roberto Maia Filho
- 44 | Youssef Said Cahali (In Memoriam)
- 47 | Paulo Eduardo Razuk (Aposentado)

### JUIZES DE DIREITO

- 48 | Antonio Manssur Filho
- 50 | Cássio Mahuad

- 54 | Luciane Jabur
- 58 | Maria Domitila Prado Manssur
- 62 | Michel Feres
- 66 | Renata Rached
- 70 | Ricardo Scaff

### PROCURADORA

- 74 | Mônica Cury

- 78 | Entre Aspas



ASSINE JÁ  
E RECEBA  
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME .....

E-MAIL ..... TEL. ....

ENDEREÇO .....

CEP ..... CIDADE ..... ESTADO .....



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede  
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP  
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 500 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500  
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ · AGÊNCIA 0061 · CONTA CORRENTE 98776-4



*vista parque ibirapuera*

SÃO PAULO GANHA UMA DAS VISTAS  
MAIS DESLUMBRANTES DO MUNDO  
E SERÁ EXCLUSIVAMENTE SUA.

Perspectiva ilustrada da vista | Av. República do Líbano. Conceito preliminar em revisão.  
Arquitetura em compatibilização. Caixilhos, gradis, shafts, pilares e espaços internos poderão sofrer alterações.

O SEU LAZER COMO UMA EXPERIÊNCIA RENOVADORA.

MANSÕES SUSPENSAS COM VISTA PARA O PARQUE IBIRAPUERA.

400M<sup>2</sup> | 500M<sup>2</sup> | 1.200M<sup>2</sup>



Perspectiva ilustrada da quadra de tênis. Imagem preliminar, sujeita a alteração



Perspectiva ilustrada da piscina. Imagem preliminar, sujeita a alteração



AGENDE PARA CONHECER  
O PROJETO COM A DIRETORIA.

WHATSAPP: 11 95471-7316

Realização:

**kallas**  
INCORPORADORA

# O LÍBANO E A JUSTIÇA BANDEIRANTE

O desembargador e acadêmico destaca o legado cultural da Terra dos Cedros e saúda a edição dedicada aos “integrantes do sistema de Justiça que descendem de troncos libaneses”

POR JOSÉ RENATO NALINI\*

**E**m boa hora o presidente da Apamagis (Associação Paulista de Magistrados), Thiago Massad, acolheu a ideia desse dinâmico editor de Carta do Líbano, Fouad Naime, para publicar uma edição dedicada a integrantes do sistema Justiça que descendem de troncos libaneses.

O Líbano é um relicário de tradições culturais que fez surgir um colorido panorama ao mesclar-se com nossa miscigenação. A influência libanesa em nosso país não se exteriorizou somente na culinária e na cultura, mas trouxe outro acréscimo à cordialidade nacional. Os libaneses se caracterizam por possuírem atributos muito significativos, quais a afabilidade, o carinhoso acolhimento, a espontaneidade, a alegria, a generosidade. Adicione-se a hospitalidade, a facilidade em relacionar-se com outras pessoas, o talento para edificar sólida rede afetiva.

Um povo que tem em sua história referências como Tiro, Sidon e Biblos, guarda em seu patrimônio cultural a peculiar condição de elo entre Europa e Ásia, ostenta como vantagem a sedimentação de consistente sabedoria, anterior até à ocupação fenícia datada de quatro séculos antes de Cristo.

Ainda hoje, o libanês se encontra na vanguarda artística, de que é exemplo o pintor Moustafa Farroukh, e também na poesia, pois Khalil Gibran foi considerado um dos maiores poetas de todos os tempos.

Natural que no universo jurídico seus filhos se destacassem como os escolhidos nomes que ornamentam esta publicação: desembargadores Afonso de Barros Faro Júnior, César Eduardo Temer Zalaf, Euvaldo Chaib Filho, Fernando Kfourri, Hamid Bdine, Maria de Lourdes Rachid Vaz de Almeida, Paulo Razuk, Roberto Maia Filho, o saudoso presidente Yussef Said Cahali, homenageado in memoriam.

FOTO: DIVULGAÇÃO

“Aprendi com eles, a conhecer melhor a fidalguia libanesa, a me interessar por esse país admirável, cuja história é um cadinho de influências que o tornaram espaço de encanto singular”



E também os juízes de direito Antonio Manssur Filho e sua irmã Maria Domitila Prado Manssur, Cássio Mahuad, Luciane Jabur, Michel Feres, Renata Rached, Ricardo Felício Scaff e o presidente da Apamagis, Thiago Massad. A procuradora Mônica Cury figura entre os que bem evidenciam a esplêndida contribuição libanesa para a concretização do justo humano em nosso Estado de São Paulo.

Todos eles são nomes respeitáveis. A muitos dos quais, une-me um forte laço de amizade, robustecido por um convívio próximo e fraterno. Aprendi com eles, a conhecer melhor a fidalguia libanesa, a me interessar por esse país admirável, cuja história é um cadinho de influências que o tornaram espaço de encanto singular.

As origens do Líbano se perdem nas conjecturas e na noite da história. Existe há milhares de anos e foi habitado por uma das mais antigas civilizações, a dos fenícios, cujo legado não é apenas a mercância marítima, senão também um dos primeiros sistemas de escrita.

Muitos impérios e civilizações ali se desenvolveram, como os assírios, os babilônios e os persas, de cada qual o libanês haurindo um signo distintivo. Ali ainda se cultivou a cultura helenística

e, na fase imperial romana, edificaram-se Baalbek e Beirute, ainda hoje considerada a “Paris do Oriente”. O cristianismo logo atraiu os libaneses, cuja pátria se converteu em centro difusor da nova fé. Exemplo de ecumenismo, no Líbano convivem as comunidades cristãs, como as maronitas, ortodoxas e católicas e a crença muçulmana.

O desafio da independência foi perpassado pela administração francesa, até que a soberania fosse conquistada em 1943. A partir do exemplo dos juristas que integram este veículo, pode-se aquilatar a qualidade humana dos dignos oriundos dessa joia chamada Líbano, e do quanto o Brasil ganhou ao receber suas famílias.

Preciosa parcela da história da Justiça paulista se recupera com a presente publicação, que é também outro fator de estreitamento entre Líbano e Brasil, cujo convívio é enriquecedor para ambos os povos e comprova a natural vocação dos humanos.

A coexistência fraterna, justa e solidária, é o ideal para o qual todas as épocas e cultores do direito são especialmente vocacionados. ■

**\*José Renato Nalini é desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que presidiu entre 2014 e 2015**

THIAGO ELIAS MASSAD,  
JUIZ DE DIREITO E PRESIDENTE DA  
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MAGISTRADOS

# “A MAGISTRATURA É LINDA”

O jovial juiz paulistano faz uma verdadeira declaração de amor ao seu ofício, através de um conhecimento e dedicação profundos no exercício do métier

**E**nergético e incansável, o juiz Thiago Elias Massad, 49 anos, é presidente da Associação Paulista de Magistrados (Apamagis). Com perfil de liderança, tem viajado o Brasil inteiro estabelecendo contatos e parcerias com magistrados em várias regiões. E desempenhou o papel de grande incentivador e apoiador na realização dessa edição de Carta do Líbano, utilizando seu prestígio e os valiosos contatos na classe.

**CARTA DO LÍBANO: O que o levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?**

**THIAGO ELIAS MASSAD:** Decidi prestar Direito aos 13 anos. Venho de uma família de médicos, mas desde logo percebi que não seguiria a tradição. Meu pai, de alguma forma inexplicável, sempre me

achou vocacionado. E assim foi. Entrei na PUC/SP em 1994 e lá permaneci até 1998. Me tornei Juiz de Direito em 2000, aos 24 anos. No início, eu tinha em mente advogar. Passei por bons escritórios em São Paulo, porém, mais uma vez, meu pai me inspirou. Médico ginecologista, sempre o vi fazendo o bem. Cuidando de pessoas. Muitas vezes de graça. Agindo de acordo com a sua consciência em busca, dentro do possível, do melhor para todos ao seu redor. Essa foi a minha inspiração para me tornar juiz. Agir de acordo com a minha convicção, com independência e procurando fazer o bem para de alguma forma ajudar as pessoas. Sou juiz da 3ª Vara de Crimes contra Criança e Adolescentes da Capital, mas após eleito para a Apamagis (Associação Paulista de Magistrados), me afastei do exercício da jurisdição para cuidar exclusivamente da associação. Durante minha carreira, fui juiz

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Thiago Massad, juiz de direito e presidente da Associação Paulista de Magistrados (Apamagis)



Os avós paternos do dr. Thiago Massad (sentados), Massud Massad e Rachida Massad com filhos e primos

substituto em Ribeirão Preto por quase quatro anos. Depois, como acontece em nossa progressão funcional, em regra, vamos um pouco mais para o interior. Fui juiz em Ipaussu e depois Oswaldo Cruz para enfim retornar a São Paulo, em 2005. Permaneci como juiz auxiliar da capital até 2009, quando me promovi para Mauá, comarca de entrância final, último passo antes de se alcançar o Tribunal, e agora estou em São Paulo.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**THIAGO:** O juiz está inserido na teia social em que se desenvolveu como pessoa, e com ele carrega marcas de sua formação. É natural e acontece com todos nós. Somos humanos. Não há como negar essa característica essencial a um bom juiz. Mas para exercer bem a função, a meu sentir, deve manter em plano relevante a imparcialidade, a independência e a coerência. Sobre os desafios, nos dias atuais com a automatização, processos digitais, rotinas automáticas de trabalho e outras ferramentas tecnológicas, a grande missão é conciliar o trabalho rápido, célere, em tempo real literalmente, com o bom desempenho da função. Esse é o grande desafio. O volume e a velocidade com que os processos se apresentam, de certa forma pressionam e impulsionam o juiz a decidir rápido. Mas o ato de julgar não necessariamente está associado à rapidez. É necessária uma reflexão adequada. Esse

ajuste é importante. Assim sendo, a quantidade com manutenção de qualidade é o grande segredo. E temos em São Paulo juizes extremamente dedicados e capacitados, que travam diariamente essa batalha para bem exercer a jurisdição e entregar uma tutela justa e digna ao cidadão.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**THIAGO:** O juiz decide sozinho. Mas sempre procuro, durante o processo decisório, ouvir as partes, colegas próximos e até amigos de fora do Direito. São quase 25 anos de carreira, então a pressão inicial, que ainda existe, passa a fazer parte da nossa rotina. Não seria correto afirmar que “nos acostumamos com a pressão”, e sim, que aprendemos a com ela lidar e conviver, sempre buscando o melhor para o jurisdicionado. A responsabilidade é inerente ao cargo, ao existir de um juiz. Não se fala em jurisdição sem se abordar a responsabilidade que carregamos, e justamente nesse “peso”, quem vem junto com a toga, que reside a beleza da nossa função.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**THIAGO:** Conforme afirmo acima, imparcialidade, independência e coerência são os alicerces para o exercício da boa jurisdição, concordando ou não com o conteúdo do decidido.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**THIAGO:** As novas tecnologias e a inteligência artificial chegaram para modificar o mundo, inclusive no plano jurisdicional. Temos de nos adaptar, pois são ferramentas que otimizam e facilitam o caminhar processual. Trazem celeridade! Ocorre que o juiz pode delegar funções, mas não as responsabilidades inerentes ao cargo. Assim sendo, temos de fazer uso das tecnologias, pois benéficas ao andamento do processo e aos jurisdicionados, mas sempre atentos aos riscos existentes e sempre com o escopo trazer justiça aos cidadãos.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**THIAGO:** A Magistratura é linda. Vale a pena. Demanda dedicação e esforço, mas vale. Então, a quem escolher trilhar esse caminho, falaria para: Estudar muito! Sorrir à vida, sempre. Cuidar do próximo. Manter a coerência no dia a dia, com base nos princípios mais valiosos a cada um, e ter a ciência de que somos humanos e falhamos, de forma que essa mínima compreensão é fundamental para que possamos viver bem em sociedade.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**THIAGO:** Meu avô paterno Massud Massad é da região de Marjeyoun.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**THIAGO:** Sempre vi meu pai e tios cuidando dos próximos. Entregando mais que amizade. Acolhendo a todos. Essa forma de enxergar o mundo, cuidando dos outros com carinho é a minha maior inspiração na vida, na magistratura e na associação.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**THIAGO:** Esse lindo país, que ainda não conheço, sofre muito com os conflitos lá instalados, há décadas. A força e resiliência do povo libanês representada pela capacidade de regeneração é o que torna esse país e esse povo únicos.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do legislativo no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**THIAGO:** O poder Judiciário ganhou um protagonismo enorme em nossa sociedade nos dias atuais. Tudo, literalmente tudo, chega ao Judiciário, que tem a obrigação constitucional de solucionar os conflitos apresentados. E essa função, como se sabe, nem sempre agrada. E em um momento de embates no cenário político, como em qualquer outro segmento de nossa sociedade, ao se decidir não se acolherá a pretensão de todos, sendo natural o desgaste decorrente da insatisfação com o resultado. É o que o observamos na atual crise. Sem um Poder Judiciário independente não há democracia sólida. E o preço dessa independência são as críticas, algumas justas, outras não. O que não se pode é aceitar pressões externas ao Judiciário, para se decidir de uma forma ou outra. É algo inegociável e fundamental, repita-se, para a sobrevivência do Estado Democrático de Direito.

**CARTA:** Qual seu livro ou escritor preferido?

**THIAGO:** Ziraldo na infância e, por que não, até hoje. E Pablo Neruda. ■



O pai do dr. Thiago Massad, Adib Massad

AFONSO DE BARROS FARO JR.,  
DESEMBARGADOR

“TENHA  
CERTEZA DA  
SUA VOCAÇÃO E  
ESTUDE MUITO”

O desembargador, que trocou a Engenharia pelo Direito, observa as regras dos profissionais da Justiça e aconselha a nova geração

**A**os 60 anos, o desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Afonso de Barros Faro Jr., tem vasta experiência na magistratura. Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo - com extensão em Reforma Processual Civil e pós-graduação em Educação à Distância e Processo Civil - ingressou na profissão em 1989. Serviu como juiz em municípios do litoral paulista e na capital, assumiu o atual cargo em 2024, quando também foi eleito membro do Órgão Especial do Tribunal de Justiça até 2026.

**CARTA DO LÍBANO:** O que o levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?

**AFONSO DE BARROS FARO JR.:** A escolha do Direito foi alternativa ao curso de engenharia, do qual desisti no segundo ano. Influenciado por familiares - sou a quarta geração de desembargadores - escolhi a carreira pública da Magistratura.

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**AFONSO:** A maior conquista, por certo, foi atingir o grau máximo da carreira, como desembargador.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Afonso de Barros Faro Jr., desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo



As origens do clã: Jorge Bahdur e Julieta Pedro Bahdur, avós maternos do desembargador Afonso, com seus cinco filhos. Fuad Bahdur, Magaly Bahdur Giannini, Vilma Bahdur Faro (mãe de Afonso), Blanche Bahdur Rebello Mourão e Leila Bahdur Dias Pinto

“Lamentavelmente um lindo país (Líbano), povo alegre e acolhedor, que sofre muito com o sectarismo político e religioso. Será preciso muito esforço para a sua reconstrução”

Já o maior desafio foi o concurso de ingresso.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**AFONSO:** Tentar avaliar as repercussões não só para as partes dos processos, mas também à sociedade.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**AFONSO:** O cargo de juiz é muito visado e controlado pela sociedade e pelo estado, invadindo até a esfera pessoal. Por exemplo: “manter conduta irrepreensível na vida pública e particular” (art. 35, VIII, da Lei Orgânica da Magistratura).

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**AFONSO:** Fundamental. Sem ela não se faz justiça.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**AFONSO:** Muitas das novidades tecnológicas podem e devem ser adotadas pelo Poder Judiciário. Só trazem eficiência e confiabilidade, como e-mails, whatsapp ou similares, inteligência artificial etc.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**AFONSO:** Tenha certeza de sua vocação para tal carreira e estude muito.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**AFONSO:** Sou neto de libaneses. Avós maternos. Meu avô nasceu em Mimes, Líbano, e minha avó aqui no Estado de São Paulo, filha de libaneses.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**AFONSO:** Na vida, costumes, culinária, religião, moral. O caráter escorreito de nossos familiares constituiu o insumo para seguir a magistratura.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**AFONSO:** Lamentavelmente, um lindo país, povo alegre e acolhedor, que sofre muito com o sectarismo político e religioso. Será preciso muito esforço para sua reconstrução.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do Judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**AFONSO:** Com cautela, na medida em que deve prezar pelo respeito aos limites do ativismo judicial.

O país vai mal nas relações internacionais, na medida em que demasiadamente contaminado pelas ideologias radicais. ■

CÉSAR EDUARDO TEMER ZALAF,  
DESEMBARGADOR

“O JUDICIÁRIO TEM  
O DEVER DE SER  
INSTRUMENTO DE  
PACIFICAÇÃO DA  
SOCIEDADE”

De uma família de advogados - e raízes libanesas - o desembargador fez de sua profissão um exercício de humanismo e um auto de fé

**A**tual desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, César Eduardo Temer Zalaf, 58 anos, é também professor, perito judicial e sócio fundador do escritório Temer Zalaf Advogados. Natural de Campinas (SP), graduou-se em Direito pela PUC, tem quatro pós-graduações e fez vários cursos de extensão no Brasil e no exterior.

**CARTA DO LÍBANO:** O que o levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?

**CÉSAR EDUARDO TEMER ZALAF:** A carreira do Direito veio com alguma naturalidade, pois meu pai

era advogado e minha mãe professora de Língua Portuguesa, o que me mantinha mais próximo das Ciências Humanas. Quarenta anos atrás, o Direito acabou se destacando e por aí enveredei, sem grandes aspirações, confesso. Mas após entrar na faculdade, fui me envolvendo e mergulhei nesse universo chamado jurídico. O Judiciário veio bem mais tarde. No início, gostava de advogar e de dar aulas e por conta disso passei a estudar muito visando o aprimoramento profissional. Fiz quatro pós-graduações e inúmeros cursos de extensão, dentro e fora do país, enquanto a advocacia ia crescendo e o escritório se consolidando. Paralelamente, fui professor universitário por 17 anos, em três universidades, até que, em 2008,

FOTOS: DIVULGAÇÃO



César Eduardo Temer Zalaf, desembargador, professor e perito judicial



Avós paternos: Felipe e Nasli Salibe Zalaf



Avós maternos: José Temer e Celeste Temer

“Audiências virtuais são mais confortáveis para todos os envolvidos, mas diminuem o calor do diálogo e filtram a imediatidade do juiz com a prova e com os sujeitos do processo”

disputei uma vaga para juiz do Tribunal de Impostos e Taxas de São Paulo, onde atuei por 14 anos como julgador tributário. Apesar de se tratar de tribunal administrativo (ligado à Secretaria da Fazenda Estadual) exercia uma função judicante e essa foi a provocação que me despertou para disputar uma vaga, agora sim, na Magistratura Estadual.

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**CÉSAR EDUARDO:** Nem um único desafio, nem uma única conquista eu conseguiria destacar como maior ou principal. Pensando na carreira até aqui – e lá se vão 39 anos – todos os dias eram uma oportunidade de experimentar perdas e conquistas. Não obstante, a aprovação em concurso de escrevente judiciário em 1987, a conquista da carteira de advogado, em 1990, e a nomeação como Desembargador, em 2021, estão entre aqueles capítulos da vida profissional que alteram a rota e indicam novos horizontes, todos eles promissores.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**CÉSAR EDUARDO:** São dois. O primeiro é o de não esmorecer. O trabalho é quase invencível e sucumbir ao cansaço é uma realidade que ronda nosso dia a dia. Eu, dada a minha formação familiar e cristã, tenho a compreensão de que o bom juiz é aquele que reúne e pratica as virtudes

cardeais: fortaleza, temperança, prudência e justiça. Virtudes que persigo há muito tempo – não sem o providencial esforço – e me lanço nesse firme propósito de julgar bem. O segundo é o de julgar preparado, com isenção e sem ideologias ou crenças pessoais. É do Padre António Vieira uma das frases mais emblemáticas sobre o assunto, a propósito do julgamento divino e do julgamento dos homens. Em seu Sermão do Segundo Domingo do Advento, diz: “Quem julga com o entendimento pode julgar bem e pode julgar mal: quem julga com a vontade nunca pode julgar bem. A razão é muito clara. Porque quem julga com o entendimento se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porém, quem julga com a vontade, ou queira mal ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal, julga como apaixonado; se quer bem, julga como cego”.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**CÉSAR EDUARDO:** Com resiliência. Primeiro considerar que venho de uma família de advogados (pai, irmãos, primos e tios) onde o mundo do Direito faz parte de nossas rotinas desde sempre. Diz-se que o advogado é o primeiro juiz da causa e, portanto, recebe desde o início a pressão natural do cliente e convive com a aflição de um resultado. Após 31 anos advogando, não me pesou, na magistratura, mais do que já estava habituado na advocacia. Aliado a isso, investi muito tempo na formação e atuação docente,

que me trouxeram alicerces principiológicos e moldura jurídica para pensar o Direito além dos interesses imediatos das partes envolvidas, mas dentro de um figurino institucional. Tudo isso vem me ajudando bastante na atual função.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**CÉSAR EDUARDO:** Não se trata de importância, mas de condição sine qua non. Sobre tal indagação, tive a oportunidade de escrever um artigo só sobre o tema, na obra Sistema de Justiça Criminal, entre Garantias e Efetividade – Estudos em homenagem a Wiliam Wanderley Jorge: “...ao juiz não é dado, mais ou menos, do que ser irremediavelmente imparcial e esse conceito é aceito e defendido universalmente”. Mais adiante, no mesmo artigo, após esclarecer sobre as hipóteses de impedimento e de suspeição (figuras que identificam a parcialidade) encerrei com a seguinte conclusão: “A imparcialidade é premissa fundamental de um julgamento justo. O juiz parcial incorre, seja por dolo seja por culpa, em vício irremediável e depõe contra o Judiciário porque acaba prestigiando interesses pessoais (de qualquer natureza: econômico, subjetivo, político, midiático) e atua para o resultado que lhe convém, interferindo na sentença mesmo antes da realização do devido processo legal”.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**CÉSAR EDUARDO:** Com apreensão e entusiasmo. Apreensão porque, como qualquer ferramenta, as novas tecnologias de inteligência artificial e sistemas de gestão digital acabam funcionando bem se os agentes e operadores dessas ferramentas

souberem utilizá-las bem e eticamente. O contrário também é verdadeiro. A mesma faca que corta o alimento numa refeição pode ser a arma branca que fere alguém. Tudo depende de quem a utiliza e de que maneira. Outro ângulo, é o afastamento entre as pessoas, a diminuição do contato pessoal que desumaniza e produz resultados mais mecânicos e insensíveis. Audiências virtuais são mais confortáveis para todos os envolvidos, mas diminuem o calor do diálogo e filtram a imediatidade do juiz com a prova e com os sujeitos do processo. Entusiasmo, porque a automação bem gerida pode proporcionar resultados mais eficientes e alcançar um número muito maior de pessoas, especialmente nas demandas repetitivas. Julgamentos de processos físicos, por exemplo, que levavam décadas para terem um resultado definitivo, passaram a ser concluídos em poucos anos. No meu gabinete, uma apelação é julgada em menos de noventa dias em média. Lembrome de aguardar vários anos quando advogava no ambiente físico. Há muitos outros benefícios como a ampliação de acesso às informações judiciais, a qualquer momento do dia ou da noite, a classificação de matérias, uniformização de jurisprudência e, especialmente, a conservação de documentos que, no ambiente digital, passa por um número maior de controle e de possibilidade de resgate, no caso de extravio.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**CÉSAR EDUARDO:** Muito estudo, muito preparo intelectual e emocional. Desprendimento material e propósito social são indispensáveis. Os

americanos costumam dizer que na vida há três momentos importantes, “to learn, to earn and to return”. Acredito que entrei para a Magistratura no terceiro momento da minha vida e estou feliz porque penso que me foi dada a oportunidade de devolver em serviço tudo o que aprendi e o que a vida me presenteou. A Mahatma Ghandi é atribuída a seguinte frase: “Quem não vive pra servir não serve pra viver”. Esse é o adágio que eu recomendo a quem considerar a carreira de magistrado.

**CARTA: Qual a origem de seus antepassados libaneses?**

**CÉSAR EDUARDO:** Dizer que são libaneses, de ambos os lados (Temer por parte de mãe e Zalaf por parte de pai) já seria suficiente, dado que o Líbano é um país bem pequeno (pouco mais de 10.400 km quadrados). Mas meus avós comentavam que os Temer teriam residência em Baalbek e os Zalaf em Marjeyoun. Não sei ao certo.

**CARTA: Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?**

**CÉSAR EDUARDO:** Um orgulho imenso das tradições ligadas à família, ao trabalho e à religião cristã. Sou casado há trinta anos e com a Carolina tive três filhos: Alice, Eduardo e Isabel. Trabalho desde os 18 anos e não me vejo aposentado, está no sangue. Tudo isso sob as bênçãos de Deus pai, Cristo e o Espírito Santo, que me guiam e que são o esteio da nossa família. Mesmo com todas as adversidades históricas, o povo libanês é alegre, colorido e afável. Esse o legado que recebi e que faço questão de transmitir.

**CARTA: Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?**

**CÉSAR EDUARDO:** Com esperança. As notícias que recebo de amigos libaneses são as de que, depois de uma crise profunda que dura há anos, em 2025 o país busca paz e o Líbano respira melhor. Ao que tudo indica, os novos governantes estão empenhados em estabelecer uma trégua com o Hezbollah e o exército israelense, retomando a normalidade, inclusive na região sul do país.

**CARTA: Sobre o Brasil, como vê o papel do Judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?**

**CÉSAR EDUARDO:** Preocupante seria o termo polido que me vem à mente. O Judiciário tem a função precípua de aplicar a lei ao caso concreto, mas, no Brasil, correntes ideológicas têm feito com que tal função se extrapole e invada as funções precípua de outros poderes. Isso se chama ativismo judicial. Sou contra. O Judiciário não tem papel direto no cenário político, lá são os políticos que atuam. Não existe Juiz de Direito eleito, nem com mandato, então, não está credenciado a se imiscuir na seara política. A Lei Orgânica da Magistratura é clara quando diz que o magistrado perde o cargo no caso de exercício de atividade político-partidária e aqui haverá quem interprete a regra no sentido de que se trata de filiação a partido ou candidatura, mas essa interpretação restritiva é de um comodismo preocupante. Juízes que se valem do seu cargo para tomar decisões judiciais com claro propósito político incorrem, no meu sentir, na mesma hipótese do artigo 26, II, “c”, da LOMAN. Outro grave problema é a auto exposição. Juiz não dá entrevista, não dá opinião que não a acadêmica e não fala fora dos autos. O artigo 36, inciso III da LOMAN é igualmente claro quando proíbe o juiz de manifestar, por qualquer meio de comunicação, opinião sobre processo pendente de julgamento, seu ou de outrem, ou juízo depreciativo sobre despachos, votos ou sentenças, de órgãos judiciais, ressalvada a crítica nos autos e em obras técnicas ou no exercício do magistério. O juiz que se põe sob holofote e microfone, fora do campo acadêmico, viola a regra que disciplina a sua própria profissão. O Judiciário tem o dever, portanto, de ser instrumento de pacificação da sociedade, de solucionar os conflitos e restabelecer a ordem jurídica onde foi violada e isso sim é papel a ser exercido que, naturalmente, reflete indiretamente no cenário político. No cenário internacional não é diferente. A sociedade da informação do atual momento, caracterizada pela interconexão global, projeta para fora do país tudo o que acontece aqui de relevante, o que implica em reconhecer que o nível de responsabilidade do Judiciário é ainda maior. ■

Tem jeito melhor de celebrar os 20 anos do Pobre Juan?

EUVALDO CHAIB FILHO,  
DESEMBARGADOR

# “SER IMPARCIAL E APLICAR A NORMA DE FORMA CERTA E SEM PRECONCEITOS”

Eloquente, o desembargador se orgulha de sua ancestralidade diversa e utiliza às palavras de Gibran como metáfora, ao falar sobre as tensões no Oriente Médio

**E**uvaldo Chaib Filho, paulistano, 70 anos, é desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Atualmente está lotado na Quarta Câmara de Direito Criminal.

**CARTA DO LÍBANO:** O que o levou a seguir na carreira do Direito e do Judiciário?

**EUVALDO CHAIB FILHO:** Com toda certeza fui influenciado pelo meu querido e saudoso pai, que advogou por exatos 54 anos de forma ininterrupta.

No início em escritório próprio, mais tarde montou advocacia com Américo Marco Antonio e Almeida Toledo. Apenas por curiosidade, ao receber sua carteira de advogado, em 1942, verificou ser a número 4.511, o que o deixou perplexo. Como iria dizer ao meu avô que teria que advogar em um estado com mais de quatro mil advogados?

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**EUVALDO:** Se for me referir aos desafios, posso

FOTO: DIVULGAÇÃO



Euvaldo Chaib Filho, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

dizer, sem falsa modéstia, que foram todos. Ou melhor, cada um dos clientes que me procuraram para que eu os defendesse. Da mesma forma, se for me referir aos julgamentos que participei no tribunal, cada caso foi um desafio. Um maior que o outro. Estou hoje com mais de 66 mil votos proferidos. Não consigo me lembrar de todos, mas se iniciar uma breve leitura, começo a lembrar e mensurar o tamanho dos desafios que enfrentei.

**CARTA: Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?**

**EUVALDO:** Não existe maior ou menor. Existe, sim, o grande desafio em acertar ou tomar a decisão mais conveniente, tanto na advocacia como na judicatura. Em um caso ou em outro, aplicar a lei da melhor forma à sociedade ou à família.

**CARTA: Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?**

**EUVALDO:** Minha função é julgar o cidadão que infringiu ou está sendo acusado de infringir a lei, anteriormente posta. É saber e ter a convicção de que aquele cidadão é o responsável pelo ato praticado. Não vejo pressão que possa alterar minha conduta ou até modificar as minhas convicções.

**CARTA: Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?**

**EUVALDO:** A imparcialidade é o Norte no exercício da magistratura. Ser imparcial não é apenas ser justo, correto, mas aplicar a norma de forma certa e sem preconceitos, atingindo o cidadão por aquilo que fez e nas condições em que estava.

**CARTA: Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?**

**EUVALDO:** As novas tecnologias sempre crescem e acompanham o Poder Judiciário. Às vezes chegam a dar medo, mas não podem ser esquecidas ou postas de lado. O homem precisa usar a melhor tecnologia, mas nunca ser escravo dela por falta de controle. A nova tecnologia deve ser sempre aplicada quando alcançar idade madura para se ter segurança e aplicabilidade.

**CARTA: Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?**

**EUVALDO:** O conselho que meu pai repassava e ainda permanece: “Leia muito, leia sobre tudo e principalmente romances”.

**CARTA: Qual a origem de seus antepassados libaneses?**

**EUVALDO:** Meus antepassados são italianos, espanhóis e libaneses. Meu avô libanês se casou com uma italiana. Além do meu pai, seis outros irmãos vieram, todos se formaram em escolas superiores. Meu pai se casou com uma descendente de italianos e espanhóis. Tenho um quarto de sangue árabe, editado e seguido pelo meu avô José Nami Chaib, que de forma simples e determinada mostrou as regras, fazendo como fazendeiro, depois de muito comércio. Mandado ao Brasil “fazer a América” com apenas 13 anos de idade, não teve tempo nem condições para trazer seus pais, somente os irmãos. Ele não pode frequentar escolas no Líbano e aqui, na região de Mogi Mirim, também não pode

“Meu avô foi mandado para o Brasil, para ‘fazer a América’, aos 13 anos. Não pôde frequentar escolas no Líbano, e aqui também não. Mas aprendeu a ler O Estado de S. Paulo do começo ao fim”

“Minha função é julgar o cidadão que infringiu ou está sendo acusado de infringir a lei. É saber e ter a convicção de que aquele cidadão é o responsável pelo ato praticado”

frequentar escolas. Mas aprendeu a ler “O Estado de S. Paulo”, do começo ao fim. Registrava em brochuras, com caneta pena 7, todas as anotações necessárias da sua fazenda e de seu comércio.

**CARTA: Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?**

**EUVALDO:** Sobre os conflitos no Oriente Médio, tive a oportunidade de ler livros e revistas especializadas que me foram disponibilizados, mas nunca consegui definir a origem de tais conflitos. Não posso responsabilizar a religião, mas está sempre presente. Talvez a cultura, os costumes, a riqueza concentrada, não sabemos a sua origem, tampouco sua solução. Em As Mais Belas Páginas da Literatura Árabe, de Mansour Chalita, Gibran Khalil Gibran, deixou assentado no texto Disse uma Folha de Papel Branco: “Pura fui criada e pura permanecerei para sempre. Antes ser queimada e convertida em brancas cinzas, do que suportar que a negrura me toque ou o sujo chegue junto de mim”. O tinteiro ouviu o que a folha de papel dizia, e riu-se em seu escuro coração; mas não ousou aproximar-se dela. E os lápis multicoloridos ouviram-na também e nunca se aproximaram dela.

E a folha de papel, branca como a neve, permaneceu pura e casta para sempre, pura e casta - vazia”. O Líbano tem hoje algo em torno de 7 milhões de pessoas. É um dos berços da civilização, reunindo origens antiquíssimas como fenícios, assírios, persas, gregos, romanos, bizantinos, sírios e turcos otomanos. Houve uma mescla riquíssima de povos.

No entanto, o país tem sido afetado diretamente por intensos conflitos, resultando em ataques dentro e fora de suas fronteiras. Por conta disso, há enorme abalo econômico e uma crise avassaladora, com milhares de mortes e deslocamentos à força, por força de tais conflitos, cuja pacificação, infelizmente, ainda parece distante. Minha maior preocupação é que essa nação tão rica, história e bela possa ser transformada em escombros como jamais desejaríamos.

**CARTA: Sobre o Brasil, como vê o papel do judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?**

**EUVALDO:** O Poder Judiciário somente se manifesta quando é regularmente provocado, ou seja, acionado por aquele atingido em seus interesses. Noutros dizeres só aparece quando é chamado. O Brasil vive um momento de intensa polarização política e, em tempos de ampla rede de informação disponível, viabilizou este processo inédito de publicização. Ou seja, de intensa divulgação e popularização, uma vez tais questões, muitas delas tonitruantes, são postas em juízo e, assim, o Judiciário é acionado frequentemente para dirimir tais conflitos. No âmbito internacional, o Brasil participa de mecanismos de cooperação judiciária internacional, como a adesão ao Tribunal Penal Internacional e estabelece parcerias com inúmeros outros países para combater crimes transnacionais e garantir a segurança jurídica no comércio global. ■

FERNANDO KFOURI,  
DESEMBARGADOR

# “O JUDICIÁRIO NAO DEVE SE VERGAR A PRESSOES”

O desembargador Fernando Kfourri chama a atenção para a “serenidade e responsabilidade para se julgar bem”. E lembra o papel do Judiciário para a manutenção da democracia

**P**aulistano, 50 anos, Fernando Pastorelo Kfourri, é desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, empossado em 2022. Formado em Direito pela Universidade de São Paulo, em 1997, ingressou no Ministério Público de São Paulo dois anos depois.

Entre 2011 e 2012, foi membro do Conselho Estadual de Política Criminal e Penitenciária. Além de membro e vice-presidente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (2016/2020), assessor do Secretário de Segurança

Pública (2015/2016) e Secretário Administrativo da Procuradoria-Geral de Justiça (2016/2020).

**CARTA DO LÍBANO: O que o levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?**

**FERNANDO KFOURI:** Iniciei o curso de Direito em 1993. Durante o curso, apaixonei-me pela ideia de ser Promotor de Justiça, carreira que segui por 23 anos, e na qual me realizei. Com o tempo e o amadurecimento, passei a interessar-me pela função decisória e pela atuação colegiada, o que me levou a ingressar no Tribunal de Justiça, pelo critério do Quinto Constitucional, em 2022.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Fernando Pastorelo Kfourri, desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, empossado em 2022



Os Kfouri: O bisavô libanês Salomão Kfouri (centro) ladeado pela família. O avô, Carlos Alberto Gouvêa Kfouri, nasceu no Brasil. Nadir Kfouri, à esquerda do irmão, foi reitora da PUC-SP, a primeira mulher a ocupar o cargo em uma universidade católica no mundo

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**FERNANDO:** O maior desafio, sem dúvida, é o invencível volume de processos. No Tribunal de Justiça, um desembargador na área do Direito Privado recebe quase 400 processos por mês para julgar. A maior conquista profissional foi a nomeação para o cargo de desembargador pelo governador do Estado, em junho de 2022.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**FERNANDO:** É muito importante entender que por trás de cada caso submetido a julgamento há vidas em jogo. O que parece comezinho ou pequeno para alguns é importantíssimo e definitivo para outros. Por isso, todas as causas devem ser julgadas com a mesma

atenção, seja ela um processo envolvendo um bem aparentemente simples ou uma em que se discuta um problema complexo. A importância da decisão não está no valor econômico discutido, mas no problema que aquela questão representa para a vida alheia.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**FERNANDO:** Embora seja impossível não se impressionar ou sensibilizar com os dramas expostos em muitos processos, é necessário guardar certa distância emocional e atuar com serenidade para enfrentar a responsabilidade de julgar bem. Quanto às pressões, o trabalho ético e honesto é a melhor resposta.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**FERNANDO:** Essencial. Para quem foi parcial, pela própria natureza da função como promotor de Justiça, por mais de duas décadas, é necessário ter atenção e consciência em tempo integral sobre a necessidade de distância e imparcialidade.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**FERNANDO:** Diante do volume cada vez maior de causas distribuídas, o juiz deve adaptar-se e adotar, com responsabilidade e controle, os mecanismos tecnológicos mais recentes que podem auxiliá-lo a produzir mais e melhor. Sempre deve se lembrar que a inteligência artificial é uma ferramenta que existe para facilitar seu trabalho, mas que jamais pode substituir sua função, que é a tomada de decisão em cada caso.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**FERNANDO:** A carreira exige vocação, pelas limitações e controles a que o magistrado é submetido e pela extrema responsabilidade que tem em suas mãos. Mas, uma vez que você aceite essa condição, é extremamente gratificante e desafiador, o que permite a realização pessoal e profissional.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**FERNANDO:** Sou bisneto de libanês. Meu bisavô Salomão Kfouri nasceu em Baskinta e veio para o Brasil jovem. Morreu seis anos antes de eu nascer.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**FERNANDO:** Meu avô, Carlos Alberto Gouvêa Kfouri, foi promotor público e procurador de Justiça entre 1942 e 1979. Morreu em 1985, quando eu tinha apenas 10 anos. Sua influência, porém, foi grande. Como ele, estudei na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, seguindo seus passos, também integrei o Ministério Público. Sempre ouvi dos Promotores e Procuradores mais antigos, que o

conheceram, sobre sua retidão e dedicação. Busco, diariamente, honrar seu exemplo.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**FERNANDO:** Todo o sofrimento das populações que lá vivem, as constantes guerras, a destruição de cidades e vilarejos históricos, enfim, toda a tragédia que ali se instalou há décadas é motivo de profunda tristeza.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do Judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**FERNANDO:** O Judiciário tem papel essencial na preservação da democracia e na concretização dos objetivos da Constituição. Não deve se vergar a pressões, nacionais ou estrangeiras, e deve sempre trilhar o caminho do respeito à dignidade da pessoa humana e da garantia de respeito aos direitos fundamentais. ■



Avós paternos: Carlos Alberto Gouvêa Kfouri e Luiza Amaral Kfouri

HAMID BDINE,  
DESEMBARGADOR

“SE BEM  
UTILIZADAS,  
AS NOVAS  
TECNOLOGIAS  
SÃO MUITO  
BEM-VINDAS”

Com uma vida inteira dedicada à Justiça brasileira,  
o advogado, mestre e desembargador reafirma sua  
vocação e apreço pela Magistratura

**H**amid Charaf Bdine Jr., 62 anos, nasceu em São José do Rio Preto (SP). É doutor e mestre em Direito Civil pela PUC de São Paulo e advogado pela Faculdade de Direito da USP (Largo de São Francisco). Aposentou-se como desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, onde trabalhou por 31 anos integrando as Seções de Direito Privado, tendo atuado na 1ª Câmara de Direito Empresarial.

Foi professor de Direito Civil na Universidade Mackenzie até 2021. Professor convidado dos cursos de especialização da PUC/SP e da Escola Paulista da Magistratura, é autor de livros e artigos publicados em revistas especializadas.

**CARTA DO LÍBANO:** O que o levou seguir na carreira do Direito e da Magistratura?

**HAMID BDINE:** Antes da advocacia, escolhi a Magistratura por vocação e pela possibilidade de exercê-la em busca da realização da justiça.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Hamid Bdine, desembargador, doutor e mestre em Direito Civil



História de família: Hamid Charaf Bdine, pai de Hamid Charaf Bdine, recebe o abraço afetuoso do patriarca Mahmoud Charaf Bdine

“ A função do magistrado nos leva à busca de uma solução justa para os problemas de pessoas que necessitam do Judiciário. Colocar-se em posição equidistante dos interesses das partes ”

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**HAMID:** Conseguir que estas decisões distribuam direitos e deveres de modo equilibrado e justo, sempre levando em conta as peculiaridades de cada caso a ser examinado.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**HAMID:** Procurando agir com seriedade e responsabilidade e suportando as consequências próprias da função.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**HAMID:** Uma importância muito grande, já que a função de magistrado nos leva à busca de uma solução justa para os problemas que envolvem pessoas que precisam do Judiciário. Assim, colocar-se em posição equidistante dos interesses das partes é essencial para decidir qual deles deve prevalecer.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**HAMID:** Se bem utilizadas, as novas tecnologias são muito bem-vindas. Poderão acelerar os julgamentos e até aprimorá-los, cabendo, claro, aos magistrados exercer o necessário controle sobre elas.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**HAMID:** Que se prepare para trabalhar muito, mas que terá grandes realizações com os resultados que o dever de julgar proporciona.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**HAMID:** Meu avô paterno era de Baalbek, no Líbano. Chegou ao Brasil e se estabeleceu como comerciante e proprietário de terras, criando gado.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**HAMID:** A cultura libanesa influenciou em vários aspectos, especialmente nos hábitos cotidianos familiares e no trabalho.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**HAMID:** Um país maravilhoso como o Líbano sempre suportou as consequências dos desentendimentos e guerras da região e continua sendo assim, infelizmente. Vamos torcer para que essas tensões sejam todas superadas e que o Líbano possa retomar a paz.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**HAMID:** O judiciário brasileiro, assim como os demais poderes, devem atuar de acordo com suas funções constitucionalmente estabelecidas, assegurando-se assim o indispensável regime democrático e o estado de direito.

**CARTA:** Qual seu livro ou escritor preferido?

**HAMID:** Em homenagem aos libaneses no Brasil recomendo Cinzas do Norte, de Milton Hatoum. ■

MARIA DE LOURDES RACHID VAZ DE ALMEIDA,  
DESEMBARGADORA

“A MAGISTRATURA  
É UMA MISSÃO  
DE VIDA E  
DE RESPEITO  
AO PRÓXIMO”

Fiel ao legado familiar de valores sólidos,  
ela colocou a causa social como prioridade  
em sua trajetória na magistratura

**N**eta de imigrantes naturais do distrito libanês de Biblos, que chegaram ao Brasil em 1929, Maria de Lourdes nasceu na cidade paulista de Sorocaba. É desembargadora do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, graduada em Direito pela FADI, em sua cidade natal. Ingressou na magistratura exercendo funções em diversas cidades paulistas até ser promovida e empossada como desembargadora em 2012.

Estabeleceu a pauta social como principal foco de seu trabalho, tendo participado de comissões e

frentes de combate ao tráfico de pessoas, trabalho análogo à escravidão, exploração e abuso infantil, violência doméstica, familiar e de gênero.

**CARTA DO LÍBANO: O que a levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?**

**MARIA DE LOURDES RACHID VAZ DE ALMEIDA:** Desde cedo optei pela carreira jurídica por acreditar que a profissão me garantiria conhecimento mais amplo e global para trabalhar com ciências humanas, permitindo uma escolha mais abrangente. Mais tarde, a função jurídica na magistratura realizou minhas convicções pessoais e me permitiu atuar profissionalmente

FOTOS: ERNESTO EILERS



Maria de Lourdes Rachid Vaz de Almeida, desembargadora do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo



Engajamento social:  
Dedicada no combate  
ao tráfico de pessoas,  
exploração e abuso  
infantil, violência  
doméstica e de gênero

com base em valores com autonomia, liberdade, independência e imparcialidade em prol dos direitos, na constante busca por justiça

**CARTA: Qual o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?**

**MARIA DE LOURDES:** Tomar decisões com a máxima responsabilidade, sempre ciente das consequências que o fundamental ato de decidir acarreta sobre a sociedade de maneira geral e, em específico, na vida e no patrimônio das pessoas. Ter ainda a plena consciência de que a função jurisdicional configura indispensável parcela de soberania do Estado e exige equilíbrio, transparência, prudência e racionalidade em realizá-la para a efetiva proteção e solução dos conflitos entre direitos subjetivos. Especialmente os de natureza mais fundamentais, com vistas a ajustá-los da melhor maneira possível às especificidades que a realidade social nos impõe.

**CARTA: Como a senhora lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?**

**MARIA DE LOURDES:** Procuo atuar com imparcialidade e de maneira técnica. Sem subjetivismos em detrimento da mais escorreita e justa decisão. Sempre atenta à realidade objetiva

dos autos em paralelo com as normas vigentes na busca pelo sentido mais condizente com os valores e princípios constitucionais.

**CARTA: Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?**

**MARIA DE LOURDES:** A imparcialidade configura garantia funcional de envergadura constitucional, por isso fundamental, para o perfeito e reto exercício da magistratura sem o qual as decisões não teriam a devida relevância, segurança jurídica e, sobretudo, credibilidade frente à sociedade. A função jurisdicional que se procura implementar, na equivalência entre os Poderes do Estado Democrático de Direito, é o limite máximo contra o abuso ou desvio de poder, motivo pelo qual não pode ficar suscetível, de maneira nenhuma, aos jogos políticos. Tampouco beneficiar situações específicas em detrimentos dos maiores interesses sociais. A imparcialidade, ainda, sincroniza-se com a necessária isenção a fim de garantir decisões mais técnicas e objetivas.

**CARTA: Como a senhora vê o papel das novas tecnologias no judiciário?**

**MARIA DE LOURDES:** A tecnologia e a inovação são essenciais para melhor operacionalizar e otimizar a função jurisdicional, além de aprimorar e qualificar as decisões judiciais. Sem se descuidar, é claro, do aspecto humano que é extremamente necessário para trazer sensibilidade na resolução dos problemas mais sensíveis da sociedade. O uso responsável da tecnologia ainda potencializa o fundamental acesso à justiça, diminui custos, gera mais celeridade, eficiência e, por consequência, incrementa a produtividade da atividade jurisdicional.

**CARTA: Que conselho a senhora daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?**

**MARIA DE LOURDES:** Precisa primeiramente possuir a necessária vocação. Porque trata-se de uma profissão peculiar e diferenciada que exige experiência de vida, atuação ética e cotidiana entrega para enfrentar o excesso de trabalho e os desafios diários. Além da atualização permanente não só

“O poder Judiciário enquanto instituição pública democrática, não pode jamais perder sua função primária de julgar e apreciar de maneira motivada os fatos que lhe são submetidos”

sob aspectos jurídicos, mas administrativos e de gestão de pessoas. É necessário ainda entender que o exercício da magistratura é uma missão de vida e um permanente olhar de respeito ao próximo.

**CARTA: Qual a origem de seus antepassados libaneses?**

**MARIA DE LOURDES:** Meus avós vieram de Beirute, a capital libanesa, para o Brasil. Já tinham quatro filhos e aqui nasceram outros três. Vieram em busca de uma vida melhor e de novas oportunidades, incentivados e orientados por outros parentes libaneses que haviam realizado a mesma trajetória alguns anos antes.

**CARTA: Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?**

**MARIA DE LOURDES:** O povo libanês sempre enfrentou permanentemente guerras e desafios. Apesar de todo sangue e lágrimas, esse povo nunca perdeu o sonho de uma vida melhor, não se intimidando frente aos problemas. Além disso, lhe serviram de bússola a luta pelo trabalho e a relevância dos sólidos vínculos familiares, juntamente com a incansável disposição para superar obstáculos, renascer e ressurgir das cinzas. Sempre esperançoso com a força de uma Fênix, como narrado pela mitologia grega. Tudo isso me guiou nos desafios pessoais e profissionais.

**CARTA: Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?**

**MARIA DE LOURDES:** Enxergo como um povo guerreiro, vibrante, lutador que está se reconstruindo a cada dia, sem receio dos embates

em defesa de seus princípios fundamentais e os valores de vida.

**CARTA: Sobre o Brasil, como vê o papel do judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?**

**MARIA DE LOURDES:** O Poder Judiciário, enquanto instituição pública democrática, não pode perder jamais sua função primária de julgar e apreciar de maneira motivada os fatos que lhe são submetidos. Não se pode deixar influenciar por questões políticas, principalmente as de natureza partidária ou ideologia. Deve possuir equilíbrio e ética no momento de solucionar os casos, baseando-se exclusivamente na legislação em vigor no país. Em relação aos outros Poderes do Estado, o Judiciário, no meu sentir, deve ser o árbitro imparcial dos conflitos naturais institucionais que naturalmente existem, buscando, em grau máximo, a solução cooperada e dialogada. Além de garantir diuturnamente os fundamentos, valores e estabilidade da democracia. O Poder Judiciário, assim como o próprio Estado em sua essência, deve exercer a função de apaziguador das tensões e dos conflitos respeitando-se valores e costumes internacionais, especialmente a autodeterminação dos povos e sua fundamental soberania.

**CARTA: Qual seu livro ou escritor preferido?**

**MARIA DE LOURDES:** São vários. Dentre os quais destaco os seguintes: Médico de Homens e de Almas, da estadunidense Taylor Caldwell; Da Tranquilidade da Alma, do romano Sêneca; aprecio muito o ensaísta libanês Khalil Gibran. ■

ROBERTO MAIA FILHO,  
DESEMBARGADOR

# “IMPARCIALIDADE E TUDO NA VIDA DE UM JUIZ”

Do pai herdou a vocação para o Direito.  
Da mãe, as raízes libanesas. Hoje o  
desembargador Roberto Maia Filho equilibra  
esse legado com sobriedade e visão de futuro

**O** paulistano Roberto Maia Filho, 62 anos, é desembargador do Tribunal de Justiça e do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Graduou-se em direito pela PUC de São Paulo, com mestrado em direito ambiental e doutorado em direito. Foi advogado e procurador do Estado e chegou à magistratura em 1989, nomeado para a comarca de Santos. Como professor atuou na Universidade Presbiteriana Mackenzie, na PUC São Paulo e na Escola Paulista de Magistratura.

**CARTA DO LÍBANO:** O que o levou seguir na

**carreira do Direito e do Judiciário?**

**ROBERTO MAIA FILHO:** Pelo fato do meu pai ser advogado e de eu sentir que tinha aptidão para isso. Sem contar a grande admiração que sempre tive por meu pai.

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**ROBERTO:** Sem dúvida a responsabilidade e a preocupação em tomar a melhor decisão que esteja ao nosso alcance.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Roberto Maia Filho, desembargador do Tribunal de Justiça e do Tribunal Regional eleitoral de São Paulo



Retrato da infância: O menino Roberto Maia Filho com a irmã, Glória Maia Bonadio, acompanhados dos avós, Adib Bahi e Judith Chalfun Bahi; da tia-avó, Leila Chalfun Boghossian; da bisavó, Marie Chalfun; da tia-avó, Henriete Chalfun Honsy; e da mãe, Vera Bahi Maia

“Minha avó era descendente de libaneses. Sinto orgulho e alegria por essa origem libanesa. Minha avó fazia jantares com muita música e pratos árabes. Isso a gente carrega no coração”

**ROBERTO:** Sabemos que somos humanos e falíveis, porém temos a obrigação de tentar, com todos os esforços, acertar, já que a responsabilidade é grande em definir questões relativas à vida de alguém.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**ROBERTO:** Lido com isso a partir do apoio da família, com atividades físicas e alguns hobbies. Gosto muito de observar e apreciar motocicletas e automóveis antigos. Não tenho exatamente um livro ou escritor favorito, porque encontro muita alegria e conhecimento em vários. Tudo isso faz com que tenhamos momentos de lazer para descansar a cabeça.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**ROBERTO:** Imparcialidade é tudo na vida de um juiz. Observando as discussões políticas que acontecem hoje no Brasil, sempre há quem tenha simpatia por essa ou aquela facção política e, portanto, vai achar que tal pessoa que está do seu lado tem sempre razão. Isso mostra que sem imparcialidade a gente não pode opinar de forma isenta, dar uma opinião que é fruto de reflexões e sobriedade. Por isso a imparcialidade é tudo. Quem tem interesse ou está movido por paixão, emoção, amor ou ódio não consegue ter a frieza e a equidistância para poder julgar.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**ROBERTO:** São fundamentais. O número de processos é muito grande e quando os computadores foram implementados houve grande avanço, assim como a internet. Agora a Inteligência Artificial é mais um passo e o judiciário não pode ficar para trás.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**ROBERTO:** Estar preparado para realmente estudar muito e se dedicar de modo bastante profundo à carreira.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**ROBERTO:** Minha avó era descendente de libaneses. Judith Chalfun, irmã de Fouad Chalfun. Ela nasceu no Rio de Janeiro, a família vivia na praça Saens Peña, na Lapa, e mudou-se para São Paulo quando se casou. Sempre fui influenciado, sinto orgulho e alegria por essa origem libanesa. Minha avó fazia jantares com muita música e pratos árabes. Até hoje me lembro de palavras carinhosas, e outras censuradas, que meus avós me ensinaram. Principalmente meu avô. Isso a gente carrega no coração.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**ROBERTO:** Por causa desse conflito, o Líbano hoje realmente merece ser visto com muita atenção e cuidado, pois vive uma situação delicada. Aliás, o mundo inteiro encontra-se em um momento delicado. Principalmente quem está lá por perto.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do Judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**ROBERTO:** Aqui temos os três poderes em um momento de embate. E, segundo a Constituição, temos que agir em harmonia. Porém, algumas vezes isso acaba tendo alguns percalços. ■

YUSSEF SAID CAHALI,  
DESEMBARGADOR (IN MEMORIAM)

# “DESTA INDISSOLUVEL COMUNIDADE ARABE- BRASILEIRA”

Professor, escritor e jurista renomado, Yussef Said Cahali proferiu um discurso histórico, em noite dos anos 1990, que ainda ressoa no coração de uma coletividade tenaz e perseverante

O paulistano Yussef Said Cahali era filho da Said Neme Cahali, natural da cidade de Ancânia, perto de Hasbaya, no sul do Líbano, que chegou ao Brasil em 1917. Como muito antes e depois dele, Said iniciou a vida na nova terra como mascate, primeiro em São José

do Rio Preto e, em seguida, se estabelecendo em Bauru, cidades do interior de São Paulo.

Yussef nasceu em 1930 e formou-se em 1954, pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP). Trabalhava então como jornalista na “Folha de S.Paulo”, de onde saiu dois anos depois para dedicar-se ao Direito. Como desembargador chegou à presidência do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, além de atuar como professor de Direito

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Yussef Said Cahali (1930-2019), desembargador, professor, escritor e jurista

## ESPECIAL MAGISTRADOS

PAULO EDUARDO RAZUK,  
DESEMBARGADOR(APOSENTADO)

# O JUDICIÁRIO NÃO PODE SER ENVOLVIDO NO DEBATE POLÍTICO

Embasado pela vasta trajetória pessoal e jurídica, o desembargador avalia a atualidade da profissão, do Líbano e do Brasil em um momento de transformação



**N**ascido em 31 de março de 1950, em Pederneiras, Estado de São Paulo, é filho de Fuad Razuk e de Carolina Peduti Razuk. Aos 11 anos mudou-se com seus pais para a capital paulista. Seu pai era advogado e desde os anos acadêmicos sentiu-se atraído pela magistratura.

Formou-se bacharel em Direito, em 1973, e doutor em Direito, em 2008, pela Universidade de São Paulo. Tendo ingressado no Ministério Público de São Paulo em janeiro de 1976 e na Magistratura Paulista dois anos depois. Percorreu todos os degraus da carreira até se tornar desembargador do Tribunal de Justiça em 2005. Aposentou-se em abril de 2015.

Seus avós paternos, cristãos ortodoxos, vieram de Marjayoun, sul do Líbano, no início do século passado. Deixaram parentes próximos no Líbano, dos quais não se teve mais notícias depois da guerra civil (1975 – 1990). O Líbano situa-se em região conflagrada, difícil de viver para seus habitantes. A perspectiva não parece boa.

No Brasil, a magistratura de carreira é recrutada em difícil concurso de provas e títulos, onde são aferidos o conhecimento jurídico e a idoneidade dos

candidatos. No entanto, a cúpula do Judiciário se forma por indicação política.

Um juiz deve sempre dedicar-se ao estudo, buscando aperfeiçoamento e atualização. O magistério é útil a tal propósito, mas não deve converter-se em atividade principal, com prejuízo da judicatura. E as novas tecnologias podem ser um instrumento útil à atividade jurisdicional, não um fim em si mesmas.

Um juiz não pode deixar de decidir o que lhe é submetido, mas deve falar apenas nos autos sobre questões controversas. O Judiciário é um poder neutro e não pode ser envolvido no debate político.

O Brasil é uma potência regional, não podendo concorrer com as grandes potências no jogo político internacional. ■



Pai de família: Yussef Said Cahali na companhia da esposa e filhos

Civil da faculdade onde se formou. Durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, nos anos 1990, recebeu a Ordem do Mérito Militar, no grau de Oficial Especial.

Em março de 1997, foi homenageado pela comunidade árabe em noite no Clube Monte Líbano, em São Paulo, sob o comando o presidente da entidade, Flávio Zarzur, e contando com a presença do então governador Mário Covas e do cônsul-geral do Líbano, Charbel Aoun, entre outras autoridades. Evento devidamente registrado em uma edição de Carta do Líbano, na época.

Na ocasião, o dr. Cahali proferiu um marcante discurso no qual dedicou a homenagem à memória de seu pai e “aos árabes de todos os tempos e de todas as procedências, que um dia aportaram aqui esperançosos; e que aqui foram carinhosamente acolhidos, passando a contribuir, por si e pelos seus descendentes, para o desenvolvimento do País”.

Destacou o espírito destemido do povo árabe, que nunca se limitou ao “confinamento geográfico”, buscando outras terras com perseverança e tenacidade. Lembrou que os presentes eram representantes expressivos de uma coletividade que concretizava suas aspirações “brilhando nos mais variados níveis da sociedade brasileira”. E concluiu saudando a hospitalidade da nação brasileira, que recebe a todos os estrangeiros sem qualquer discriminação ou preconceito. “Integrando em seu contexto histórico, árabes e seus descendentes, na formação desta indissolúvel comunidade árabe-brasileira”.

O dr. Yussef Said Cahali publicou 15 livros na área de Direito e Processo Civil, com destaque para Divórcio e Separação, com mais de 10 edições. Foi casado com Rosa Maria Damiano Cahali e morreu em 13 de agosto de 2019, na cidade de São Paulo. ■

ANTONIO MANSSUR FILHO,  
JUIZ DE DIREITO

“CUMPRE AO JUDICIÁRIO MANTER A DEFESA DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO”

O juiz afirma que as origens árabes o influenciaram em uma trajetória profissional construída com muito trabalho, companheirismo e humildade

**N**ascido em São Paulo há 55 anos, Antonio Manssur Filho é formado em Direito pela Universidade de São Paulo. Especializado em Direito Empresarial, sua carreira profissional se estende por 22 anos e hoje é magistrado vitalício do Tribunal de Justiça do Estado, tendo atuado anteriormente

em diversos municípios paulistas. Sua experiência profissional foi consolidada em matérias de direito privado, especialmente nas áreas de contratos, obrigações, responsabilidade civil, direito das coisas e direito do consumidor.

**CARTA DO LÍBANO:** O que o levou a seguir na carreira do Direito?

**ANTONIO MANSSUR FILHO:** Além da influência

familiar, o amor às ciências sociais e humanas.

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**ANTONIO:** Os desafios são diários, em razão da quantidade e complexidade das causas. As conquistas também são diárias, em especial quando podemos fazer a diferença tratando todos como gostaríamos que fôssemos tratados e, também, quando nossa atuação revela-se essencial para a preservação do estado democrático de direito.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**ANTONIO:** Todas as decisões afetam pessoas. Por essa razão, é essencial a detida análise da causa de forma imparcial, de acordo com nossa livre convicção e preceitos legais. Agindo dessa forma, o desafio torna-se o trabalho diário.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**ANTONIO:** A função jurisdicional livre é inerente à sociedade democrática e, portanto, a responsabilidade diária do juiz está ligada à própria preservação do estado de direito, cuja atuação deve ser corajosa, imparcial e independente, quaisquer que sejam as pressões.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**ANTONIO:** A imparcialidade, derivada da livre convicção do magistrado, é requisito indissociável da atividade jurisdicional.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas

tecnologias no judiciário?

**ANTONIO:** O Direito e a sociedade evoluem, portanto, nada mais natural que as novas ferramentas tecnológicas sejam adequadamente utilizadas para a otimização e aperfeiçoamento da atividade jurisdicional.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**ANTONIO:** Coragem, independência e amor ao próximo.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**ANTONIO:** Vieram da região de Beirute.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**ANTONIO:** Muito trabalho, companheirismo e humildade.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**ANTONIO:** A situação é triste e delicada, em especial quando permeada por conflitos ancestrais de toda natureza.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do Judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**ANTONIO:** O mundo e o país estão polarizados, portanto cumpre ao Judiciário manter a sua atuação na defesa do Estado Democrático de Direito e da Soberania Nacional, como sempre fez e vem fazendo. ■

“Todas as decisões afetam pessoas. É essencial a detida análise da causa de forma imparcial, de acordo com a nossa livre convicção e preceitos legais. O desafio torna-se o trabalho diário”

CÁSSIO MAHUAD,  
JUIZ DE DIREITO

# “O MOMENTO NO BRASIL E NO MUNDO É DE INTENSO DEBATE”

Em quase três décadas de atividade profissional,  
o juiz vê seu trabalho como exercício de  
estudo, conhecimento, disciplina e cidadania

**N**ascido em Sorocaba, interior de São Paulo, há 50 anos, Cássio Mahuad é juiz titular de Direito da Vara da Infância e Execuções Criminais da comarca de Itu. Graduou-se pela Faculdade de Direito de Sorocaba, em 1997, e atuou como escrivão de polícia entre 1993 e 1998. No ano seguinte ingressou na magistratura, trabalhando como juiz em São José dos Campos, Nhandeara, Apiaí e Piedade. É pós-graduado em Direito Civil pela Escola Paulista da Magistratura.

**CARTA DO LÍBANO: O que o levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?**

**CÁSSIO MAHUAD:** Escolhi o Direito pela beleza da

matéria e porque o curso, ao seu final, possibilita ao bacharel um leque enorme de opções, não se limitando apenas à preparação para a advocacia. Também sempre tive em mente que o curso me possibilitaria melhorar como cidadão, ao aprender sobre meus direitos e obrigações e poder usar todo esse conhecimento na vida profissional futura.

**CARTA: Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?**

**CÁSSIO:** Toda decisão que afeta a vida de alguém é relevante e deve ser mensurada com muita cautela. O maior desafio do magistrado é tomar a decisão correta dentre as várias opções possíveis e que se apresentam no processo. Para tanto, estudo, disciplina e responsabilidade são primordiais.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Cássio Mahuad, juiz de Direito da Vara de Infância e Execuções Criminais da comarca de Itu



“ Só há justiça quando existe imparcialidade. A premissa básica é a isenção. Um juiz tendencioso ou que antecipe seu julgamento nunca fará justiça e causará instabilidade social ”



Duas gerações: Cássio Mahuad com seu pai, Jorge Mahuad.  
Antepassados: Doutor Miguel Mahuad, avô de Cássio Mahuad, (acima) e a avó com os filhos

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**CÁSSIO:** O exercício da magistratura requer, além de conhecimento e dedicação extrema, muita coragem para enfrentar os desafios. Muitas vezes, a pressão é enorme, realmente desafiadora, mas com coragem e firmeza de que se está fazendo a coisa certa e com amparo na legislação, os desafios da profissão acabam sendo atenuados.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**CÁSSIO:** Só há justiça quando existe imparcialidade. A premissa básica e primordial do julgamento é a isenção. Um juiz tendencioso ou que antecipe seu julgamento nunca fará efetivamente justiça e causará instabilidade social.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no Judiciário?

**CÁSSIO:** As novas tecnologias são muito bem-vindas. Os processos atualmente são digitais e a Inteligência Artificial é uma realidade que se apresenta. O que não se pode é acreditar que a tecnologia suprirá o olhar, o sentir humano. Desta forma, com parcimônia e regramento adequado, somente temos a ganhar com o implemento da tecnologia no Judiciário brasileiro.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**CÁSSIO:** A carreira da magistratura é muito especial. Não há nada mais gratificante do que ajudar as pessoas resolvendo os conflitos que se apresentam. Meu conselho: estude com muito afinco e dedicação. Faça um plano de estudo e tenha muita disciplina. Após aprovado, entenda que sua vida terá limitações inerentes ao cargo, mas tenha sempre em mente que todo o sacrifício será recompensado.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**CÁSSIO:** Infelizmente, temos poucos registros,

mas sabemos que meu bisavô paterno (Abraham Mohaouad – que ao chegar no Brasil foi registrado como Abrão Mahuad) é da cidade litorânea de Amicht, 40 quilômetros ao norte de Beirute.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**CÁSSIO:** A origem libanesa é calcada em traços de alegria, fraternidade, amizade, honestidade e resiliência. Características que busco sempre implementar em minha vida e, por consequência, no meu trabalho.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**CÁSSIO:** O Líbano é um país de cultura e beleza ímpares. Vejo com muita tristeza a sua situação, assim como de outros países do Oriente Médio. Conflitos intermináveis que punem severamente a população e impedem o desenvolvimento do país.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do Legislativo no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**CÁSSIO:** O Judiciário é um dos poderes da Federação. O momento no Brasil e no mundo é de intenso debate, muitas vezes marcado por questões ideológicas. Resta aos nossos legisladores, com muita sapiência e ouvindo o clamor popular, implementar o texto legislativo que mais expresse a vontade do povo e que vise produzir um ambiente de harmonia e prosperidade. No mesmo sentido, as relações do Brasil com países estrangeiros devem se pautar por sobriedade e espírito de conciliação, visando evitar o aumento dos conflitos.

**CARTA:** Qual seu livro ou escritor preferido?

**CÁSSIO:** Dois livros me marcaram muito quando da leitura e os recomendo: Don Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, um clássico. E O Deserto dos Tártaros, de Dino Buzzati, que me fez refletir bastante. ■

LUCIANE JABUR,  
JUÍZA DE DIREITO

# “OUVIR COM SENSIBILIDADE PARA JULGAR COM FIRMEZA”

A juíza segue o mote dos “grandes poderes com grandes responsabilidades”. Por isso, moldou sua carreira pelas leis e pelos valores morais

**L**uciane Jabur Mouchaloite Figueiredo, 56 anos, é paulistana e atualmente é juíza do Colégio Recursal. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo e ingressou na Procuradoria do Estado de São Paulo em 1992.

No ano seguinte entrou para a Magistratura do Estado. Atuou como juíza em vários municípios paulistas, como Mogi das Cruzes e Santa Bárbara do Oeste. É mestre em Filosofia do Direito e do Estado pela PUC.

**CARTA DO LÍBANO: O que a levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?**

**LUCIANE JABUR:** Sempre gostei muito de estudar e, na adolescência, fui despertando a curiosidade por entender o funcionamento das instituições e conhecer as leis para a organização da sociedade. Passei por uma fase de dúvida em relação à Medicina e acabei firmando o ideal pelo Direito. Não me arrependi. Enquanto cursava Direito no Largo São Francisco, a aspiração por ser juíza foi chegando aos poucos. A princípio, parecia um ideal tão audacioso quanto inalcançável.

FOTOS: ERNESTO EILERS E DIVULGAÇÃO



Luciane Jabur, juíza de Direito do Colégio Recursal e mestre em Filosofia do Direito e do Estado



Os pais: Jeanete Jabur Mouchaloite e Afif Murched Mouchaloite

Demandaria muito mais estudo e foco.

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**LUCIANE:** Sem dúvida, passar em um concurso público tão difícil quanto o da magistratura, aos 24 anos. Minha maior conquista profissional.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**LUCIANE:** Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades. A busca constante é por entregar a solução mais justa ao caso concreto que se apresenta. É ouvir com sensibilidade para julgar com firmeza, sempre pautada pelas leis e pelos valores morais.

“Para quem deseja ser juiz, meu conselho é estudar com afinco e equilíbrio, num constante amadurecimento, até para ter certeza do que deseja, sem pressa. A carreira exigirá muito esforço”

**CARTA:** Como a senhora vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**LUCIANE:** Como o volume de processos é muito grande e crescente, a ajuda trazida pela tecnologia é bem-vinda, pois permite mais agilidade na rotina diária.

**CARTA:** Que conselho a senhora daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**LUCIANE:** Para quem almeja ser juiz, meu conselho é estudar com afinco e equilíbrio, num constante amadurecimento, até para ter certeza do que deseja, sem pressa. Deve saber que a carreira exigirá muito esforço e dedicação do juiz e também dos familiares próximos. Só trilhe esse caminho se estiver realmente seguro. Devo dizer ainda que, embora exigente, a carreira é muito gratificante.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

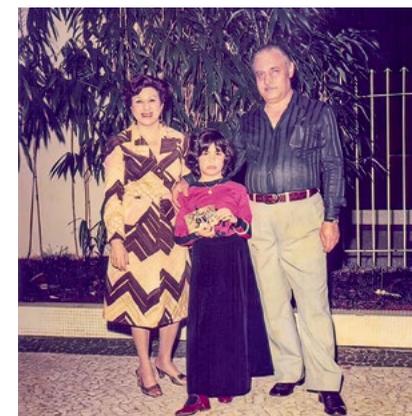
**LUCIANE:** Meu pai, Afif Mouchaloite, veio da cidade de Homs, Síria, e se estabeleceu no comércio da rua 25 de Março. Minha mãe, de origem libanesa, era professora. Meu avô, Miguel Jabur, veio de Marjeyoun, Líbano.

**LUCIANE:** Como o legado das raízes influenciou sua vida e trabalho?

Luciane: Tenho um orgulho enorme dos meus pais e dos meus avós, que me ensinaram a importância do trabalho honesto, da felicidade em família, da perseverança pelos sonhos. ■



Os avós maternos: Emilia José Jorge Jabur e Miguel Jabur



Infância: Luciane Jabur com os pais. Sírio de Homs: Afif Murched Mouchaloite, pai de Luciane Jabur

MARIA DOMITILA PRADO MANSSUR,  
JUÍZA DE DIREITO

“APRENDI A NÃO  
JULGAR AS  
PESSOAS, MAS, SIM A  
COMPREENDE-LAS”

Dedicada à equidade de gênero, ela  
busca mecanismos mais justos, inclusivos e  
conscientes da realidade das mulheres

**J**uíza de Direito do 7º Colégio Recursal Cível do Tribunal de Justiça de São Paulo, Domitila Manssur especializou-se em equidade de gênero - é coordenadora da área de Violência Doméstica, Familiar e de Gênero da Escola Paulista de Magistratura. Em seus 54 anos de vida, metade foi dedicada à atuação como juíza no TJ/SP. Também é mestre e doutoranda em Direito Processual Penal pela PUC de São Paulo.

**CARTA DO LÍBANO:** O que a levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?

**MARIA DOMITILA PRADO MANSSUR:** Além de amar o Direito, segui o caminho aberto por meus pais: Antonio, desembargador, e Regina, advogada. Cresci em um ambiente onde o estudo e a Justiça eram valores centrais. E essa herança se renova com minha filha Helena, hoje estudante de Direito na PUC, e com meus sobrinhos Antonio e Gabriel, já advogados. Desde cedo aprendi que a magistratura é mais que carreira, é vocação de servir e transformar vidas.

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

FOTOS: ERNESTO EILERS



Maria Domitila Prado Manssur, juíza de Direito do 7º Colégio Recursal Cível do Tribunal de Justiça de São Paulo



A postos: No hall do Palácio de Justiça

**DOMITILA:** Um grande desafio da magistratura é não se afastar da realidade social, é não perder o entusiasmo e nem deixar de sonhar com um mundo mais justo. Também é desafiador equilibrar celeridade e qualidade decisória em contextos de alta complexidade social. Minha maior conquista foi trilhar um caminho voltado à equidade de gênero, buscando implementar práticas e protocolos que promovam julgamentos mais justos, inclusivos e conscientes da realidade das mulheres. Nestes 27 anos de magistratura aprendi a não julgar as pessoas, sobretudo as vítimas de violência em razão do gênero, mas sim a compreendê-las no contexto de suas histórias e vulnerabilidades.

**CARTA:** Qual o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**DOMITILA:** Garantir imparcialidade, escuta qualificada e fundamentação clara. Decidir exige serenidade, humanidade e sólida base jurídica.

**CARTA:** Como a senhora lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**DOMITILA:** Sou mãe de três filhas e aprendi que a vida precisa de equilíbrio e humildade. Encontro apoio na espiritualidade, no amor e na família. Leio, estudo, acompanho o noticiário e busco simplicidade para enfrentar as pressões da magistratura com serenidade.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**DOMITILA:** A imparcialidade é o alicerce da jurisdição, assegura confiança social e respeito

“No cenário internacional, acredito que o Brasil tem vocação para o diálogo e a diplomacia, podendo afirmar-se como defensor dos direitos humanos e da equidade de gênero”

às partes. Não é apenas postura, mas método de trabalho.

**CARTA:** Como a senhora vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**DOMITILA:** As tecnologias ampliam o acesso e a eficiência da Justiça. Devem ser utilizadas com governança, transparência e proteção de dados, evitando vieses e assegurando o devido processo legal.

**CARTA:** Que conselho a senhora daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**DOMITILA:** Cultive vocação de serviço, independência intelectual, empatia e compromisso inegociável com a Constituição e os direitos humanos. Ética cotidiana sustenta a carreira no longo prazo. E, sobretudo, nunca deixe de amar a profissão, pois é esse amor que dá sentido ao trabalho diário.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**DOMITILA:** Minha avó paterna, Nádia, nasceu em Beirute e veio para o Brasil aos 16 anos, onde se casou com meu avô João, também descendente de libaneses.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**DOMITILA:** A história de coragem da minha avó me inspira diariamente. Carrego valores de resiliência, trabalho, família e esperança, que

orientam também minha vida na magistratura. Meus pais sempre me proporcionaram acesso à educação, e esse é o maior bem que desejo transmitir às minhas filhas Helena, Stella e Mariana. Como boa mãe árabe, sonho em vê-las com diplomas, pois acredito que a educação é o patrimônio mais valioso que posso oferecer.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**DOMITILA:** Ainda não conheço pessoalmente o Líbano, mas sonho em visitar esse país de cultura plural e história milenar. Quero que minhas filhas conheçam suas raízes e a riqueza da terra de onde veio nossa família.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do legislativo no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**DOMITILA:** O Judiciário brasileiro tem a responsabilidade de assegurar a efetividade da Constituição, proteger direitos fundamentais e oferecer respostas claras e céleres à sociedade. O Tribunal de Justiça de São Paulo, pela sua dimensão e complexidade, espelha os desafios e a pluralidade da vida social. Já o Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo exerce papel fundamental na organização e segurança das eleições, fortalecendo a confiança na democracia. No cenário internacional, acredito que o Brasil tem vocação para o diálogo e a diplomacia, podendo afirmar-se como defensor dos direitos humanos e da equidade de gênero. ■

“Sou mãe de três filhas e aprendi que a vida precisa de equilíbrio e humildade. Encontro apoio na espiritualidade, no amor e na família. Busco simplicidade para enfrentar as pressões”

MICHEL FERES,  
JUIZ DE DIREITO

# “O PODER JUDICIÁRIO DEVE SER A VOZ SERENA DA RAZÃO”

A leitura e a vontade de estudar as ciências humanas o levaram à magistratura. Uma carreira que ele almejava desde os 14 anos de idade

**J**uiz de Direito da vara do Juizado Especial Cível de Presidente Prudente - onde reside - Michel Feres, 52 anos, é paulista, natural da cidade de Santo Anastácio. Descende de libaneses por parte de pai (Abrão Chain Feres) e de mãe (Linda Feres). Os avós paternos, Chain Feres e Wadiah Abrão Feres, vieram para o Brasil de uma cidade nos arredores de Beirute.

É graduado em Direito pela Instituição Toledo de Ensino, em Presidente Prudente, e ingressou na magistratura aos 25 anos, como um dos juizes mais jovens do País. Antes trabalhou na Polícia Civil, como agente de telecomunicações, e foi oficial de Justiça. Hoje se declara magistrado por vocação e tenista amador por paixão.

**CARTA DO LÍBANO: O que o levou a seguir na carreira do Direito e do Judiciário?**

**MICHEL FERES:** Desde tenra idade gostava de ler, estudar e aprender. A opção pelo Direito foi uma escolha lógica, natural e que fazia sentido ao meu perfil como alguém que melhor se desenvolve nas ciências humanas. E essa escolha já era voltada para a Magistratura, carreira que era almejada desde os meus 14 anos, por me sentir vocacionado para a função.

**CARTA: Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?**

**MICHEL:** O maior desafio ao longo dos anos foi entender as limitações e aceitá-las, malgrado o ideal de otimizar a prestação de serviço. Infelizmente a

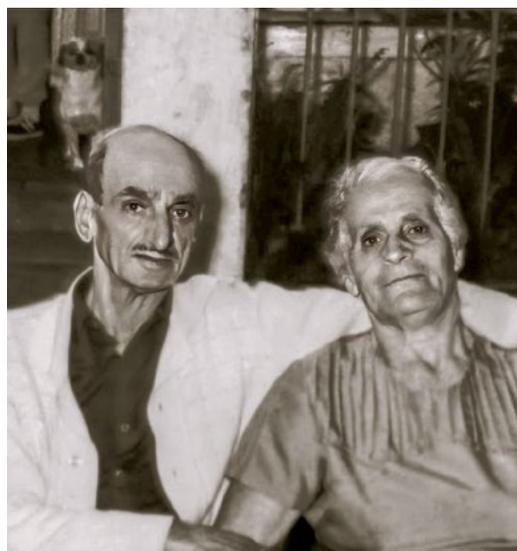
FOTOS: DIVULGAÇÃO



Michel Feres, juiz de Direito da vara do Juizado Especial Cível de Presidente Prudente



“Há um equívoco sobre a ‘venda’ nos olhos da deusa da Justiça. Ela simboliza justamente a imparcialidade, e não a falta de visão. Indica que o juiz deve agir por critérios objetivos”



Casamento: Michel Feres com sua mulher, Cibelly Nardão Mendes Feres.  
Antepassados: Massad Feres e Sarah Abrão Feres, avós do doutor Michel

escassez de recursos humanos e materiais aliado ao crescente volume de processos inviabiliza o modelo de trabalho por mim idealizado. Entender e saber fazer a gestão disso é meu maior desafio. A maior conquista na verdade se divide em várias ocasiões em que, além de decidir, pude ver o problema em questão ser resolvido. Ou seja, a decisão judicial realmente alterou o curso da vida do jurisdicionado. E isso ocorreu na seara cível, criminal, infância e juventude, família... A efetividade das decisões é o que me satisfaz enquanto magistrado. Quando elas saem do papel e entram na vida das pessoas. Essa é minha maior conquista.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**MICHEL:** Saber valorar a justiça e extensão da decisão adotada. Entender que por mais paradoxal que pareça, às vezes a justiça não entra nos autos. E, nesses casos, saber atuar como mediador ou conciliador.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**MICHEL:** Nunca tive problema com isso desde o início de carreira, então com 25 anos de idade. Sempre me apoiei na imparcialidade das minhas decisões, pautadas nas provas, nos autos, na legislação e na minha consciência. Dessa forma, o resultado não me traz pressão alguma.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**MICHEL:** É essencial. Sem imparcialidade a decisão está comprometida. Há um equívoco sobre a “venda” nos olhos da deusa da Justiça. Ela simboliza justamente a imparcialidade, e não a falta de visão. Indica que o juiz deve decidir por critérios objetivos e não à luz de quem é a parte no processo. E como dito, a imparcialidade é a base da consciência tranquila e da aplicação justa das leis. Sem ela não há justiça e sim privilégio indevido.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**MICHEL:** Como ferramenta de apoio entendo que podem ser usadas. Mas não devem substituir a

pesquisa e a elaboração das peças em todos os casos, de maneira automática. O dinamismo das relações sociais e das leis exige do magistrado pesquisa acurada e visão contextual para que as decisões se aproximem ao máximo do ideal de justiça. E nenhuma tecnologia substitui isso.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**MICHEL:** Que esteja ciente de que o trabalho é árduo, contínuo e cansativo. Que entenda que relevância não significa arrogância. Que a vocação ainda deve ser o maior motivador para ingressar nessa carreira.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**MICHEL:** Até onde sei eles viveram nas redondezas de Beirute, em uma pequena vila.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**MICHEL:** Sou descendente de libaneses de pai e mãe. Meu perfil pessoal reflete a perseverança, intensidade e afincamento com que meus ancestrais lutaram para vencer na vida.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**MICHEL:** Com um sentimento de compaixão pelo povo e desejo de que a região possa usufruir dos benefícios da paz o mais breve possível.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do Judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**MICHEL:** O Poder Judiciário deve ser a voz serena da razão, sem protagonismo, sem ativismo, e sem tendência política. Quanto menos aparecer melhor estará cumprindo seu papel. Aos magistrados cabe decidir nos limites da lei, da Constituição Federal, e das provas a eles submetidas sem qualquer interferência política e social. Seu limite são os autos. O magistrado deve representar o bálsamo que aplaca a infringência das normas de forma imparcial, justa e discreta. ■

RENATA RACHED,  
JUÍZA DE DIREITO

“A MAIOR  
CONQUISTA É  
SENTIR QUE  
TUDO VALEU  
A PENA”

A juíza destaca seu legado libanês - a família como núcleo central, a ajuda mútua e ter sempre com quem contar - a base do seu trabalho e da vida

**N**a magistratura desde 1993, Renata William Rached Catelli é juíza substituta em Segunda Grau da 16ª Câmara Criminal de São Paulo. Paulista, 56 anos, é descendente de libaneses, filha de Iracema William Rached e Nagib Rached. Formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco e fez duas especializações - Direito Processual Civil e Direito Civil - na Escola Paulista de Magistratura.

**CARTA DO LÍBANO:** O que a levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?

**RENATA RACHED:** Renata Rached: Sempre gostei

das matérias de Humanas na escola, como História, português e línguas estrangeiras. A Faculdade de Direito me atraiu porque teria que ler e escrever bastante. Resolvi prestar o concurso da Magistratura por ser uma função em que todos os argumentos devem ser avaliados, as partes precisam ser ouvidas e a sua decisão pode impactar a vida das pessoas.

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**RENATA:** O maior desafio foi iniciar a carreira com 24 anos, tomando decisões tão importantes. A maior conquista é sentir que tudo valeu a pena,

FOTOS: ERNESTO EILERS E DIVULGAÇÃO



Renata Rached, juíza de direito da Câmara Criminal de São Paulo



Bodas: Os noivos Nagib Rached e Iracema William Rached, pais da dra. Renata, entre a avó paterna, Marafu Rached, e os avós maternos, Salma e Nicolau William, Outros tempos: Os avós Nicolau William e Salma quando jovens

“Sou muito calma, tento sempre ter em mente que todos estão fazendo o seu trabalho, que devo ser paciente e que eu mesma escolhi esse caminho. Procuro não agir por impulso”



Grande família: Abrão e Marafu Rached com os seis filhos

que ainda gosto do que faço e me sinto realizada por ter escolhido essa profissão.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**RENATA:** Tomar a decisão correta, não a que agrade aos outros ou que traga menos críticas.

**CARTA:** Como a senhora lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**RENATA:** Sou muito calma, tento sempre ter em mente que todos estão fazendo o seu trabalho, que devo ser paciente e que eu mesma escolhi este caminho. Procuro não agir por impulso.

**CARTA:** Como a senhora vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**RENATA:** Acredito que a tecnologia irá nos ajudar bastante a sermos mais rápidos, e não faz sentido fechar os olhos para esta nova situação.

**CARTA:** Que conselho a senhora daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**RENATA:** Gostar de estudar e não ter medo de decidir, além de ter empatia com a situação das pessoas.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**RENATA:** Meus avós paternos, Abraão e Marafu, eram de Marjeyoun. Meu avô materno, Nicolau, era de Baskinta, e minha avó Salma nasceu no Brasil, filha de libaneses de Beirute.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**RENATA:** A noção de família como núcleo central da nossa vida, a ajuda mútua e ter sempre com quem contar é o que eu levo deste legado para o meu dia a dia. ■

RICARDO SCAFF,  
JUIZ DE DIREITO

# “A IMPARCIALIDADE DO JUIZ GARANTE A CREDIBILIDADE DO PODER JUDICIÁRIO”

Influenciado por uma tia advogada e com o sonho de estudar na Faculdade do Largo de São Francisco, ele hoje se dedica a proteger os direitos fundamentais dos cidadãos

**D**escendente de libaneses da cidade de Baalbek, Ricardo Felício Scaff nasceu em São José do Rio Preto, interior de São Paulo. Aos 47 anos, é juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, atuando como juiz assessor da Corregedoria-Geral. É também professor de Direito na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Graduiu-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e possui especialização em Direito

Notarial e Processual Civil pela Escola Paulista da Magistratura (EPM). Segundo ele, ser juiz “consiste, indiscutivelmente, no equilíbrio entre a aplicação da lei com a sensibilidade necessária para compreender a dimensão humana de cada caso”.

**CARTA DO LÍBANO:** O que o levou seguir na carreira do Direito e do Judiciário?

**RICARDO SCAFF:** Decidi seguir carreira jurídica por influência da minha tia, advogada Evelin Atalla Scaff, que exerceu ininterruptamente a advocacia por mais de 70 anos, a inscrição ativa mais antiga da OAB-SP.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Ricardo Scaff, juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

**CARTA:** Qual o principal desafio que enfrentou e a maior conquista em sua trajetória profissional?

**RICARDO:** Entendo que não há apenas um desafio, mas sim vários desafios que foram enfrentados até aqui.

Posso citar, sem dúvida, a decisão de sair da minha cidade natal, São José do Rio Preto, para morar na capital, com o sonho de cursar Direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Durante o período de graduação fui estagiário em alguns escritórios de advocacia, onde realizava diligências em comarcas distantes, com dinheiro contado para a condução e para alimentação. Já formado, e com o sonho de ser Juiz de Direito, enfrentei o desafio da intensa preparação acadêmica e psicológica exigida para aprovação no concurso da magistratura, marcado pelo elevado nível da concorrência. Acredito que estes são apenas alguns exemplos dos desafios que passei até conseguir a aprovação no concurso da magistratura.

Superada essa etapa, a maior conquista em minha trajetória profissional é, sem dúvida, a possibilidade de garantir a aplicação da tutela jurisdicional e a proteção dos direitos fundamentais daqueles que batem à porta do judiciário.

**CARTA:** Qual é o maior desafio em tomar decisões que afetam a vida das pessoas?

**RICARDO:** O desafio diário de um Juiz de Direito consiste, indiscutivelmente, no equilíbrio entre a aplicação da lei com a sensibilidade necessária para compreender a dimensão humana de cada caso, garantindo segurança jurídica sem perder de vista os impactos concretos que as decisões

proferidas terão na vida dos jurisdicionados.

**CARTA:** Como o senhor lida com a pressão e as responsabilidades inerentes à sua função?

**RICARDO:** Costumo elencar três características principais que me fazem lidar com a pressão e as responsabilidades de minha função, que são: preparo técnico, equilíbrio emocional e compromisso ético.

**CARTA:** Qual a importância da imparcialidade no exercício da magistratura?

**RICARDO:** A imparcialidade no exercício da magistratura é tão importante que o ordenamento jurídico brasileiro tratou de positivá-la em diversos Códigos e até na Constituição Federal. Como, por exemplo, na Constituição Federal (art. 5º, inciso XXXVII), no Código de Ética da Magistratura (art. 1º e 8º), no Código de Processo Civil (arts. 144 e 145), no Código de Processo Penal (art. 112), entre outros.

A imparcialidade do Juiz de Direito garante a credibilidade do Poder Judiciário, sendo um dever institucional que sustenta o próprio Estado Democrático de Direito.

**CARTA:** Como o senhor vê o papel das novas tecnologias no judiciário?

**RICARDO:** As novas tecnologias, principalmente a inteligência artificial, tem sido vastamente utilizada pelos operadores do direito. O Poder Judiciário, como ente estatal, não consegue acompanhar e implantar, com a mesma velocidade, as inovações tecnológicas. Entretanto, verifica-se um esforço muito grande, por parte dos

“A maior conquista em minha trajetória profissional é a possibilidade de garantir a aplicação da tutela jurisdicional e a proteção dos direitos fundamentais de quem bate à porta do Judiciário”

“É uma carreira com grandes desafios, desde os estudos preparatórios. Porém extremamente gratificante, na medida em que o magistrado percebe a diferença que faz na vida das pessoas”

órgãos de cúpula do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para adequar e modernizar seus sistemas e métodos de trabalho, de forma a poder entregar, de forma cada vez mais célere e eficaz, a tutela jurisdicional. Não obstante a importância e necessidade de aprimoramento e modernização contínua, entendo que as novas tecnologias não podem ser utilizadas como ferramenta para substituição livre e irrestrita do ser humano. Explico: podem ser utilizadas em tarefas repetitivas, passíveis de automatização -sem conteúdo decisório/meritório - de modo a deixar o servidor, magistrado, advogado, promotor de justiça e defensor público menos sobrecarregado, podendo assim analisar com mais tranquilidade cada caso concreto que chega até suas mãos.

**CARTA:** Que conselho o senhor daria a alguém que considera seguir a carreira de magistrado?

**RICARDO:** É uma carreira com grandes desafios, desde os estudos preparatórios até depois da posse. Porém, extremamente gratificante, na medida em que o magistrado, durante o exercício de sua função, consegue perceber a diferença que faz na vida das pessoas, entregando a justiça para aqueles que batem à sua porta.

**CARTA:** Qual a origem de seus antepassados libaneses?

**RICARDO:** São originários da cidade de Baalbek.

**CARTA:** Como o legado das raízes libanesas influenciou sua vida e trabalho?

**RICARDO:** Posso citar a educação, a perseverança frente às dificuldades e principalmente a resiliência histórica do povo libanês. Estas características influenciaram e influenciam diariamente minha vida pessoal e profissional.

**CARTA:** Como vê o Líbano hoje, em meio às tensões e conflitos no Oriente Médio?

**RICARDO:** As informações que chegam dão conta que o Líbano encontra-se financeira e politicamente instável, situação agravada pela batalha entre o grupo extremista Hezbollah e Israel. No meio de tudo isso, a população libanesa sofre com as consequências dessa instabilidade que, ao que parece, está longe de chegar ao fim.

**CARTA:** Sobre o Brasil, como vê o papel do Judiciário no atual momento de embates no cenário político? E no papel do país no cenário internacional?

**RICARDO:** O Poder Legislativo Federal, mais do que criar leis, fiscalizar o Poder Executivo e representar o povo, deve atuar para reduzir as tensões e preservar a estabilidade democrática do Brasil. No cenário internacional, o Brasil tem papel relevante como potência regional. Atua ainda como protagonista em diversas áreas estratégicas, como alimentos, energia renovável, agronegócio, entre outros. Entretanto, percebe-se que o Brasil oscila entre o desejo de protagonismo e as limitações impostas por sua instabilidade política e econômica, que limitam sua influência efetiva, justamente pela falta de coesão interna e de continuidade nas políticas externas. ■

MÔNICA CURY,  
PROCURADORA

# “A CIDADANIA ATIVA É A BASE PARA UM GRANDE PAÍS”

Com experiência na área financeira, Mônica Cury viu na vida pública a oportunidade para um engajamento maior e mais efetivo no Terceiro Setor

**A**dvogada e empresária, Mônica Cury é referência quando o assunto é a articulação do Terceiro Setor com as entidades públicas. Além de fundadora e conciliadora do Centro de Resolução de Conflitos e Cidadania de Salto Grande, no interior paulista, cidade onde nasceu há 44 anos. Graduada na Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro, em Jacarezinho (PR), em 2004. Iniciou a vida profissional na área financeira em Dublin, na Irlanda, onde viveu durante algum tempo. De volta ao Brasil,

destacou-se com votação histórica para vereadora na sua cidade natal, nas eleições de 2020. Também atuou como agente de crédito do Banco do Povo Paulista e agente de Desenvolvimento Habitacional e Urbano. Foi procuradora municipal de Cândido Motta e atualmente é assessora política do partido União Brasil.

**CARTA DO LÍBANO:** Como foi a sua infância e qual o impacto do legado familiar libanês em sua criação?

**MÔNICA CURY:** Meus pais sempre trabalharam muito, então fui criada pela minha avó, Maria Wilma Cury Sanches, filha de Wady Cury. Ela me

FOTOS: ERNESTO EILERS



Mônica Cury, procuradora, fundadora e conciliadora do Centro de Resolução de Conflitos e Cidadania de Salto Grande



Vida pública: Mônica Cury é atualmente assessora política do partido União Brasil

passou os valores árabes como a hospitalidade, respeito à família e à reputação, o apoio mútuo e a generosidade, além, é claro, da culinária.

**CARTA:** O que mais a atraiu para seguir os estudos na área do Direito?

**MÔNICA:** Os homens da nossa família se dedicaram à agropecuária e aos negócios, e grande parte das mulheres se tornaram advogadas. A defesa dos nossos direitos e dos outros me levou a estudar Direito na Faculdade Estadual do Paraná, onde me formei em 2004.

**CARTA:** Em sua trajetória vemos um constante engajamento na ação social. Foi essa preocupação que a fez optar pela vida pública?

“O engajamento social é uma premissa em nossa família. Nada melhor que a vida pública e política para a efetivação das garantias sociais. Para auxiliar, pessoas, entidades e a sociedade”

**MÔNICA:** O engajamento social é uma premissa em nossa família. Nada melhor que a vida pública e política para garantir a efetivação das garantias sociais. A vida pública me deu autonomia para auxiliar pessoas, entidades e a sociedade como um todo.

**CARTA:** Qual a diferença no trabalho da vida pública no estado de São Paulo em relação ao resto do país?

**MÔNICA:** São Paulo é o estado mais rico do país e, também por isso, é onde reina a competitividade. O ritmo de trabalho é mais acelerado. Em sua essência a estrutura é parecida com o resto do Brasil — porque as regras de servidor público seguem as Constituições federal e estadual) - o que muda é o porte do estado, o volume de trabalho e o glamour de se trabalhar em prol dessa máquina que é São Paulo.

**CARTA:** Qual a sua visão e expectativa das novas tecnologias na política e o que fazer para utilizá-las no trabalho e aprender com elas?

**MÔNICA:** A inteligência artificial pode ajudar a tornar processos mais transparentes, analisando grandes volumes de dados, identificando fake news, cruzando informações e dando voz a demandas antes ignoradas. Governos e cidadãos podem tomar decisões mais embasadas e menos manipuláveis. Já as redes sociais, usadas com responsabilidade, seguem como uma poderosa ferramenta para democratizar o debate público, engajar comunidades, pressionar representantes e dar visibilidade a pautas esquecidas, com mais

“O Brasil precisa investir pesado na educação básica, com infraestrutura decente, professores bem treinados, currículo atualizado, combate ao abandono escolar. Sem isso, nada caminha bem”

gente conectada e mais pluralidade de vozes. Se a tecnologia for usada com ética e fiscalização, a IA e as redes sociais podem aproximar o cidadão do poder de forma nunca antes vista, otimizando o trabalho em suas mais diversas categorias.

**CARTA:** O que passar algum tempo no exterior lhe chamou mais atenção em relação ao Brasil?

**MÔNICA:** Minha avó sempre nos incentivou a passar temporadas na Europa: foi assim com minhas tias e primas. Logo que terminei o ensino médio fui morar em Londres com minha tia. Lá estudei, conheci a cultura e fui muito bem acolhida pela comunidade europeia. Depois da faculdade de Direito, antes de tomar qualquer decisão com relação à carreira, fui morar na Irlanda, em Dublin, e tive acesso a tecnologias e recursos humanos que só vejo sendo aplicados hoje no Brasil. Trazer um aprendizado de lá para cá só fez minha visão expandir sobre o mundo e aperfeiçoar minha atuação no meu país.

**CARTA:** Já esteve no Líbano? Qual a sua impressão sobre o país de seus antepassados?

**MÔNICA:** Infelizmente ainda não estive no Líbano! Mas quero ir sim, logo! Vejo como um lugar vibrante e com uma energia desafiante. Igrejas e mesquitas lado a lado, as festas religiosas e a gastronomia me fascinam, assim como as montanhas, as praias mediterrâneas e os vales verdes, tudo numa combinação de cultura, comida, beleza natural e povo resiliente.

**CARTA:** O que o Brasil precisa mudar, nos próximos 10 anos, para caminhar rumo a uma sociedade mais bem equilibrada nos setores básicos - saúde, educação, trabalho e segurança?

**MÔNICA:** Investir pesado na educação básica, com infraestrutura decente, professores bem treinados, currículo atualizado, combate ao abandono escolar. Sem isso, nada caminha bem. Na Saúde, fortalecer o SUS, modernizar a gestão, distribuir melhor os médicos e recursos, acabar com filas absurdas e atender periferias e regiões remotas. O SUS é um milagre que funciona, imagina se fosse tratado com prioridade? Na Segurança, combinar policiamento eficiente com políticas sociais, prevenção e inteligência aliados à distribuição de renda mais justa. E uma infraestrutura digna, com saneamento básico, moradia decente, e transporte público que funcione. Além de focar no combate à corrupção. Tudo isso combinado com o uso de energia limpa, produção rural potente. Esse conjunto certamente incentivará a cidadania ativa, que por sua vez é a base de um grande país.

**CARTA:** Como é sua vida familiar, como são seus momentos de lazer e o que mais gosta na cidade onde vive?

**MÔNICA:** Passar os finais de semana com o meu filho, Thomas, de 17 anos, é uma dádiva! Aliás, a vida no interior do estado de São Paulo é maravilhosa. E para mim, que moro em Salto Grande, na correria do dia a dia, o melhor do lazer é o pôr do sol em frente ao Rio Paranapanema. Degustando nossos peixes e relaxando corpo e alma. ■

# ENTRE ASPAS

“A NECESSIDADE  
NÃO CONHECE LEIS”

– SANTO AGOSTINHO

“As leis inglesas  
punem as faltas;  
as leis chinesas  
fazem mais do que  
isso: recompensam  
os méritos”

– OLIVER GOLDSMITH

“O juiz não é nomeado  
para fazer favores com a  
justiça, mas para julgar  
segundo as leis”

– PLATÃO

“EM SI MESMA, A  
LOUCURA É JÁ UMA  
REBELIÃO. O JUÍZO É A  
ORDEM, A CONSTITUIÇÃO,  
A JUSTIÇA E AS LEIS”

– MACHADO DE ASSIS

“A aplicação  
das leis é mais  
importante  
que a sua  
elaboração”

– THOMAS JEFFERSON

“No meio das armas,  
calam-se as leis”

– CÍCERO

“Quando vou a um país,  
não examino se há boas leis,  
mas se as que lá existem  
são executadas, pois boas  
leis há por toda a parte”

– BARÃO DE MONTESQUIEU

“A administração  
é a arte de aplicar  
as leis sem lesar  
os interesses”

– HONORÉ DE BALZAC

“Liberdade sem leis significa anarquia;  
leis sem liberdade significam tirania”

– THE SAGA OF TANYA THE EVIL



## CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes  
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

**(31) 3299-3000**



GLOBAL HALAL BRAZIL  
BUSINESS FORUM 2025

# **PARTICIPE**

**da 3ª edição do  
Global Halal Brazil Business Fórum  
O maior Fórum Halal das Américas**

**27 e 28 de outubro**

**08h30 - 13h00**

**WTC Events Center – São Paulo (SP)**

- **Autoridades e líderes empresariais**
- **Conteúdo de alto nível**
- **Networking estratégico**

Aproveite a **oportunidade de se conectar** com um dos setores que mais crescem no mundo.

**Acesse o site e saiba mais! ▶**

Realização:



Câmara de Comércio Árabe Brasileira  
الغرفة التجارية العربية البرازيلية  
ArabBrazilian Chamber of Commerce



FAMBRAS HALAL  
DA AMÉRICA LATINA PARA O MUNDO  
FROM LATIN AMERICA TO THE WORLD  
من أمريكا اللاتينية إلى العالم

